

Imagens dos professores na literatura brasileira

Se a leitura é vadia; os textos são clássicos: tendo que fazer um recorte, optei por privilegiar a representação do professor em livros considerados canônicos em nossa literatura. Esta escolha, explico, não se deu por questões valorativas, como se a “palavra” dos clássicos tivesse mais peso dos que a de jovens autores e/ou autores ainda não consagrados. Não há juízos de valor, embora confesse minha absoluta paixão pelos textos escolhidos, a vontade de lê-los e relê-los, sempre. A opção se deu porque, independentemente do ponto de vista que se olhe ou da crítica que se faça, ninguém poderá negar que esses autores e essas obras, por todas as suas qualidades, unânimes (embora não possamos esquecer a voz de Nelson Rodrigues, “toda unanimidade é burra”), inegavelmente, compõem um painel expressivo da literatura brasileira. Mas é importante: esta é apenas uma proposta, parte de uma pesquisa inesgotável, porque falar de professores é falar de leitura, de aprendizado, da escrita, da vida. Das palavras – assunto que não tem fim, posto que a palavra é a vida.

Alguns dos textos a seguir, eu já conhecia. Outros, foram-me sugeridos durante a pesquisa. Muito outros ficaram de fora, porque era preciso, insisto, delimitar o objeto de estudo. Não tive a menor ambição de esgotar o assunto. Muito pelo contrário: cada leitura instiga outra, provoca uma nova leitura, uma releitura.

Leituras sem qualquer pretensão de explicação, já que, como diria Bakhtin, a explicação é monológica. O importante é ouvir as palavras que os textos ora nos sussurram ora nos gritam; ouvir as palavras com que os autores tecem suas histórias; ver as imagens que esses textos trazem do professor (e da professora, lógico – aqui escolhi a forma masculina por ser ela o código aceito, contra o qual não acho que valha a pena a briga). Sem jamais nos esquecermos que esta é uma leitura singular, cujo sentido não é dado imediatamente pelo texto, mas produzido ativamente por esta leitora, que não lê apenas com a sua razão e seu entendimento, mas com seu corpo, seu desejo, suas emoções, sua história.

Dito isso e escolhidos os livros nas estantes, é hora de virar a página.

3.1

“O mestre é a tirania, a injustiça, o terror?”

(ou “O professor em *O Ateneu* de Raul Pompéia”)

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” – assim começa o livro *O Ateneu* de Raul Pompéia, publicado em 1888. A metáfora é exemplar: a escola não é nem espaço de formação nem lugar de produção de conhecimentos, nem tampouco se oferece como espaço lúdico: a escola é a luta; tal qual o mundo, guerra. O clima é rigoroso, oposto ao ambiente familiar. Na escola, não há tempo para carinhos, nem cuidados. “Verdadeira provação”, cabe à criança “empenhar a luta dos merecimentos”³³. Uma luta quase militar, caracterizada já pelos próprios uniformes: “a bela farda negra dos alunos, de botões dourados, infundia-me a consideração tímida de um militarismo brilhante”³⁴ ou na excessiva disciplina – alunos, soldados em combate:

Depois de longa volta, a quatro de fundo, dispuseram-se em pelotões, invadiram o gramal e, cadenciados pelo ritmo da banda de colegas, que os esperava no meio do campo, com a certeza de amestrada disciplina, produziram as manobras perfeitas de um exército sob o comando do mais raro instrutor.³⁵

Interessante notar que, ao comparar a turma de alunos com uma turma de oficiais, o autor acaba por trazer uma das questões cruciais da educação: “a escola, como o pensamento contemporâneo, imbuí-se em homogeneizar, negando o diferente e o contraditório”³⁶. É o aluno perdendo sua condição de sujeito e transformando-se em “ninguém”: aqui, todos vestidos da mesma forma, cadenciados por um ritmo externo, sob a batuta de um único instrutor; pelotão a cumprir ordem, de um militarismo perfeito.

Era o dia de formatura e o Ateneu se apresenta ao menino Sergio como um espetáculo militar, vislumbrado através dos discursos, dos elegantes uniformes, das marchas. Nesse espaço em que a disciplina impõe-se como principal atributo, que papel caberá ao professor? O menino Sergio impressiona-se, de início, com o discurso de um dos professores do colégio, o professor Venâncio, professor “a

³³ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Editora Três, 1973, p. 27.

³⁴ *Ibid.*, p. 30.

³⁵ *Ibid.*, p. 33.

³⁶ KRAMER, Sonia e JOBIM e SOUZA (orgs). *Histórias de Professores – Leitura, escrita e pesquisa em educação*. São Paulo: Ed. Ática, p. 51.

quarenta mil réis por matéria” (definição que já denuncia um caráter mercantilista da educação). O orador, pequenino e tenaz, afirma que o mestre “é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos”.³⁷ Se, inicialmente, aos olhos do menino, o mestre seria aquele que dá continuação ao amor doméstico, o final do discurso já preconiza que as ilusões estavam perdidas: “Acima de Aristarco – Deus! Deus tão-somente, abaixo de Deus – Aristarco.”³⁸

Aristarco é o professor-diretor da escola, o moralizador, aquele que escolhe quem deve ou não ser aprovado ou castigado. Fiscalizando todos os espaços, aparecendo de surpresa quando menos esperam por ele, Aristarco controla tudo e todos: opressor, sente-se responsável pela “justiça colegial”. Símbolo de rigor e autoridade, é a mais perfeita tradução do espaço “cárcere, murado de desejos e privações”.³⁹ Um espaço em que a identidade se aniquila: a escola encarcera os desejos, cala as diferenças, destitui o sujeito. O professor é o comandante, o que conduz todos “à senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade.” Ele é o dono do discurso, aquele que nunca é contestado, que tem, portanto, em suas mãos a palavra e o poder, por isso, é “majestoso sempre”, julgando-se consagrado à imortalidade.

Para o diretor, não há mestre mau se o discípulo é bom. Já aos maus discípulos, resta chorar à noite em segredo no dormitório, oferecendo as lágrimas a Deus, “em remissão dos meus pobres pecados, com as notas más boiando”.⁴⁰ E castigos e mais castigos, humilhações, solidão.

Para ingressar no Ateneu, é preciso não só cortar os cachinhos do cabelo, como deixar de fora a própria infância. A missão da escola é transformar o menino em homem, trabalho esse que Aristarco julgava insano e que incluía:

Moderar, animar, corrigir esta massa de caracteres, onde começa a ferver o fermento das inclinações; encontrar e encaminhar a natureza na época dos violentos ímpetos; amordaçar excessivos ardores; retemperar o ânimo dos que se dão por vendidos precocemente, espreitar, adivinhar os temperamentos; prevenir a corrupção; desiludir as aparências sedutoras do mal [...]⁴¹

³⁷ POMPÉIA, op. cit., p. 31.

³⁸ Ibid., p.31.

³⁹ Ibid., p. 158.

⁴⁰ Ibid., p. 77.

⁴¹ Ibid., p. 45

O papel do professor, portanto, não era o de educador, mas de fiscal, apto a punir as crianças, castigá-las, e mais, desiludi-las. O objetivo: fazer de todos um único modelo (e a farda nesse sentido é significativa), sem qualquer respeito às características individuais. Para isso, viável toda perseguição de castigos.

Tanto os professores empenhavam-se nesta missão que nos bancos escolares acabavam por se sentar alunos perversos, cruéis, dissimulados, dispostos a conspirar uns contra os outros. Afinal, eles precisavam deixar as fraquezas (e franquezas) de lado: “faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se.”⁴² Havia sempre o risco da punição, da decadência, o risco dos vexames, o medo e, contra isso, medida de prudência era conservar-se quieto, obediente, disposto a cumprir as normas, mesmo que tiranas.

Neste cenário, não há tempo para companheirismo, amizade, lealdade. Pelo contrário: surpreende-se o outro com a atitude insensível, hostil, covarde – que vai da tentativa de afogamento à humilhação coletiva.

Alunos refletiam os professores que, por sua vez, refletiam Aristarco, seguindo-o como guarda de honra. Eles chegam mesmo a explicitar essa simbiose, certamente provocada pelo medo e autoritarismo: “Vê, Aristarco, diziam em coro, vê; nós aqui estamos, nós somos tu, e nós te aplaudimos.”⁴³ Aristarco vigiava discípulos e professores, criando um clima de terror, impondo a todos o medo do flagrante – “fazia mais com isso que a espionagem de todos os bedéis”.⁴⁴ Ao espiar a correspondência dos alunos, mostra a falta de demarcação entre o público e o privado: a instituição sobrepondo-se ao indivíduo. Simbólico é, quando numa briga do menino com o diretor, este diz à criança: “Confessa-me tudo ou mato-te”.⁴⁵

Nesse sentido, na perda do individual, a escola representa a morte: “quando tornei a ver os meus, foi como se houvesse adquirido de uma ressurreição milagrosa”⁴⁶, diz Sergio, o narrador. O Ateneu constitui-se assim em espaço do castigo, da clausura, da falta de proteção, da solidão. Da morte.

É também símbolo de uma sociedade hierarquizada, alicerçada em privilégios: a grande preocupação de Aristarco era fazer dinheiro, e para isso,

⁴² Ibid., p. 52.

⁴³ Ibid., p. 157.

⁴⁴ Ibid., p. 84.

⁴⁵ Ibid., p. 171.

⁴⁶ Ibid., p. 100.

prestigiava as famílias ricas e poderosas, ao mesmo tempo em que humilhava os alunos cujos pagamentos estavam atrasados: “Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado.”⁴⁷ Até os lugares no anfiteatro eram distribuídos conforme a classe social. Frequentavam o Ateneu crianças ricas – “a fina flor da mocidade brasileira”⁴⁸ e a elas se juntavam alunos gratuitos, “escolhidos a dedo para o papel de complemento objetivo de caridade”⁴⁹. A escola sancionando preconceitos e distinções sociais, fundada sobre a injustiça e o privilégio.

Nesse ambiente hostil, de luta, todos guerreavam: “cada rosto amável daquela infância era a máscara de uma falsidade, o prospecto de uma traição”.⁵⁰

Se o professor era o grande tirano, representado na figura áspera e terrível de Aristarco; se o Ateneu, marcado pela humilhação, espionagem, opressão e injustiça refletia a “escola da sociedade” onde “ilustrar o espírito é pouco; temperar o caráter é tudo”⁵¹, que papel cabiam aos livros, ou ainda, de que forma importava o professor na formação do leitor?

Em *O Ateneu*, não há qualquer aproximação entre escola, leitura e escrita. Não à toa a mais terrível instituição era o “livro das notas”:

Um livro de lembranças comprido e grosso, capa de couro, rótulo vermelho na capa, ângulos do mesmo sangue. Na véspera cada professor, na ordem do horário, deixara ali a observação relativa à diligência dos seus discípulos. Era o nosso jornalismo. Do livro aberto, como as sombras das caixas encantadas dos contos de maravilha, nascia, surgia, avultava, impunha-se a opinião do Ateneu. Rainha caprichosa e incerta, tiranizava essa opinião sem corretivo como os tribunais supremos.⁵²

Fora o livro das notas, os livros não importam. Na sala geral do estudo, à beira do pátio central, “livros é o que menos se guardava em muitos compartimentos.”⁵³ Os alunos colecionavam ratinhos, camaleões e lagartixas nos armários, não livros... Para o menino Franco, os livros eram a causa primeira de seus desgostos e faziam-lhe horror. O livro espanta também Sergio, que ganha do

⁴⁷ Ibid., p. 43.

⁴⁸ Ibid., p. 29.

⁴⁹ Ibid., p. 153.

⁵⁰ Ibid., p. 154.

⁵¹ Ibid., p. 201.

⁵² Ibid., p. 75.

⁵³ Ibid., p. 79.

colega Barreto um “livro cruel, que descrevia coisas dignas de Moloc: crianças diretamente justicadas pela celeste cólera, uma delas que, por haver comungado sem confissão prévia, iludindo ao sacerdote, fora apanhada pela roupa entre dois cilindros de aço...”⁵⁴ – história que visivelmente pune as crianças que fogem à norma.

O livro não aparece nas salas de aula. Fala-se no professor de francês Delille; nos professores de inglês Dr. Velho Júnior e professor Venâncio, passa-se pelas aulas de latim do frei Ambrósio, mas não há nenhuma aula que envolva a literatura. Há sim uma festa literária, na qual o presidente do Grêmio faz a crítica geral da literatura brasileira.

A literatura aparece fora do espaço escolar. Os estudantes “em dia” podiam sair pelo jardim com os livros. E Sergio possuía uma “literatura completa de tesouros de meninos”, que incluía contos de Schmidt, as aventuras de Gulliver, Júlio Verne e que lhe permitia a fantasia:

[...] lá ia eu, esfaimado de desenlaces, prazenteiro, ávido como os três dias de Colombo antes da América, respirando no cheiro das encadernações as variantes climáticas da leitura, desde as areias africanas até aos campos de cristal do Ártico, desde os grandes frios siderais até à aventura do Stromboli.⁵⁵

Se a leitura não se fazia presente na escola, a escrita desempenhava um papel distorcido. A escrita era o castigo. Ao roubo de sapotis, contrapunha-se a redação de um texto bem longo: “À vista de relutância, calculou-se em páginas de escrita quanto podiam valer dois punhados de sapotis; redução difícil, que a justiça colegial alcançou matematicamente, pronunciando uma condenação que me daria que fazer até mais de meia-noite.”⁵⁶

Na escola do menino Sergio, os professores não têm o livro como aliado e os meninos, os professores como amigos. Monotonia, tédio, enfado, temor permanente, espionagem: assim se caracteriza a vida no Ateneu. O grande diretor é vigilante poderoso, bedel injusto, que vai se metamorfoseando, cada hora desfazendo uma ilusão, olhos arregalados prontos a espreitar e punir quem fugisse às regras, fosse professor ou aluno: “assim é que um simples olhar do diretor imobilizava o colégio fulminantemente, como se levasse no brilho ameaças de

⁵⁴ Ibid., p. 97.

⁵⁵ Ibid., p. 120.

⁵⁶ Ibid., p. 93

todo um despotismo cruento.”⁵⁷ A escola é a repressão, a solidão – “sozinho mais do que nunca”; o professor, o elemento da castração, cruel, implacável, na passagem dos sonhos à realidade.

Os professores da escola, sob a mira e a exemplo do chefe, nada mais fazem que cumprir ordens, em um regime de prontidão. É como se não houvesse escolha: “não é o internato que faz a sociedade: o internato a reflete.”⁵⁸

Como diz a professora e teórica da literatura Eliana Yunes, “do ponto de vista do menino, a escola é um beco sem saída para o qual sequer o incêndio do prédio purifica as memórias.”⁵⁹

Nessa escola de Raul Pompéia, não há dúvidas: o mestre é a tirania, a injustiça e o terror.

3.2

“O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória.”

(ou “O professor em *Conto de Escola*, de Machado de Assis”)

O menino vai à escola para fugir de um castigo, vai à escola para fugir do pai ríspido e intolerante, que sonha em ver o filho caixeiro. Para fugir da surra com vara de marmeleiro, ele deixa o campo e o morro, deixa lavadeiras, capim, alguns burros soltos, deixa a sensação de espaço infinito, a manhã e a brincadeira e vai meter-se na escola – “[...] um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.”⁶⁰

Chega cautelosamente, “para não ser ouvido pelo mestre” – esta é a primeira referência ao mestre no *Conto de Escola* de Machado de Assis. O conto, escrito em 1884, faz parte do volume *Várias Histórias* (1896).

O mestre chama-se Policarpo e é capaz de controlar a turma com o olhar, “levantava os olhos de quando em quando”⁶¹, obrigando os meninos a fazerem a

⁵⁷ Ibid., p. 83.

⁵⁸ Ibid., p. 203.

⁵⁹ YUNES, Eliana. *Infância e infâncias brasileiras: a representação da criança na literatura*. Tese de doutorado, PUC RJ, 1986, p. 202.

⁶⁰ ASSIS, Machado de. *Conto de Escola*. Ilustrações: Nelson Cruz. São Paulo: Cosac & Naif, 2002, p. 10.

⁶¹ Ibid., p. 13

lição, expressando sua autoridade. E como se não bastassem os “olhos pontudos” do professor, somavam-se a ele “os cinco olhos do diabo”, aqui representando os cinco furos da palmatória, pendurada do portal da janela, “olhando” para as crianças, fácil de ser apanhada pelo professor, que não fazia cerimônia em usá-la: “Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca.”⁶²

Enfrentando os olhos do diabo e os olhos do professor, está Raimundo, o menino que “gastava duas horas a reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinqüenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro”⁶³ e que era filho de Policarpo. Criança pálida, de fisionomia doente, raramente alegre.

A razão de tal abatimento é óbvia: Raimundo conhece suas limitações e sabe que não há perdão por ser filho do professor; pelo contrário, o mestre é até mais cruel com ele do que com os colegas da turma: “buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado.”⁶⁴ Por isso, Raimundo solicita ao colega Pilar que o ajude numa lição; como recompensa, lhe dará uma “pratinha” dourada. É a saída para livrar-se do castigo do pai-professor.

O negócio é proposto com voz trêmula, Raimundo falando baixinho, pálido, num momento em que julgava o mestre distraído com a leitura de jornais.

Aliás, curiosamente, Machado mostra como a vida particular do professor, incluindo seu posicionamento político, está dissociada de seu trabalho. No fim da Regência, “Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto”, diz o narrador. Essa é uma questão que não pertencia à sala de aula. Apesar da agitação pública, apesar de o menino reconhecer que “pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção”,⁶⁵ não se conhecia o partido do professor.

Pilar tem consciência de que não é correto trocar uma lição por uma moeda, mas a pratinha dourada o seduz irremediavelmente.

Feito o acordo, só restava a Pilar desejar o fim da aula, afinal, lá fora “o mesmo eterno papagaio, guinado a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter

⁶² Ibid., p. 13.

⁶³ Ibid., p. 7.

⁶⁴ Ibid., p. 13.

⁶⁵ Ibid., p. 13.

com ele”,⁶⁶ e ainda havia a desconfiança de que o colega Curvelo tivesse percebido o trato e os revelasse ao mestre.

A “voz de trovão” com que Policarpo chama Pilar não lhe deixa dúvidas: tinham sido denunciados. O que se segue é cena de tortura. O professor exige que Pilar devolva a moeda, que ele (Policarpo) atira à rua, irritado. Mas a ira do mestre não pára aí: ele desclassifica os dois meninos que para ele praticaram “uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania”. O mestre os ataca, os xinga, bate com a palmatória até deixar as palmas dos meninos inchadas e vermelhas. “Não há perdão”, grita Policarpo, castigando quem ensina e quem aprende:

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: porcalhões! tratantes! faltos de brio!⁶⁷

Policarpo não tem piedade. Implacável, não perdoa nem o próprio filho. Faz os meninos tremerem, castigando-os diante de todos. E como sinal de submissão, Pilar “estende” a mão ao mestre, para que ele exerça sua autoridade e poder. Afinal, era o ano de 1840, e a palmatória era instrumento de castigo comum na sala de aula.

Conto de Escola também aponta para a questão da leitura na escola. Policarpo trata a leitura apenas como um exercício obrigatório: “Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões”⁶⁸, diz o menino narrador. O pai do menino tem com a escola a mesma indiferença: ler e escrever servem tanto quanto contar, o objetivo é garantir uma posição comercial, “e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro.”⁶⁹ E tal qual o mestre, o pai também era ríspido e intolerante. Nesse sentido, vemos uma identificação das figuras do

⁶⁶ Ibid., p. 20.

⁶⁷ Ibid., p. 24.

⁶⁸ Ibid., p. 13.

⁶⁹ Ibid., p. 5.

mestre e do pai, ambas marcadas pelo autoritarismo, falta de afetividade e crueldade.

As ilustrações de Nelson Cruz para o conto de Machado, feitas originalmente para a edição chinesa da Editora Grimm Press, de Taiwan, em 1998, e agora presentes na edição da Cosac & Naify, reforçam de forma primorosa o sentido que ganham no texto a escola e o professor. A começar pela capa: uma sala de aula escura, com chão, teto e carteira marrons contrapondo-se ao fundo com uma janela de onde se vê o céu azul, a luz do dia. No espaço da escola, a cor está só na roupa dos meninos, que estão afastados uns dos outros – de um deles, só se vê parte do rosto; de outro, a fisionomia de tristeza. No fundo da sala, dois meninos com os braços estendidos tentam a comunicação através de um pedaço de papel, mas é visível a distância entre eles, o impedimento do contato, do diálogo. O espaço da escola é sombrio, escuro, fechado.

A ilustração com que Nelson Cruz nos apresenta o mestre, à página 6, fixa o instante da chegada do professor à turma: o mestre de cabeça erguida, altivo; os meninos em pé, em “posição de sentido”, os braços estendidos, imóveis, todos iguais – “Tudo estava em ordem: começaram os trabalhos.”⁷⁰

A ilustração do mestre em fúria (página 21) mostra um professor imenso, com os dedos em riste como garras, os olhos esbugalhados, a boca aberta como um monstro a devorar os meninos, pequeninos diante da imagem assustadora. O professor tem as mãos imensas, afinal elas têm o poder, são elas que manuseiam o instrumento coercitivo, a palmatória.

Para o menino, naturalmente, a escola não poderia jamais se comparar a uma manhã de maio, ainda mais uma manhã atravessada pelo ritmo da batalha de fuzileiros que ele encontra à praia da Gamboa. O “diabo do tambor” é tão forte, tão envolvente, que é capaz de fazê-lo esquecer Raimundo e Curvelo, aqueles “que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação”⁷¹. O diabo do tambor é tão inspirador que é capaz até de fazê-lo esquecer a pratinha dourada. Diante da música e da liberdade expressa naquela esplendorosa manhã de maio, a escola não interessa: “Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros”⁷² A

⁷⁰ Ibid., p. 6.

⁷¹ Ibid., p. 28.

⁷² Ibid., p. 28.

escola, afinal, são os olhos pontudos do professor e os cinco olhos do diabo da palmatória.

Impossível trocar a luz da manhã e o som do tambor por essa sala de aula.

3.3

“Recorriam ao colégio como a uma casa de correção.”

(ou “O professor em *Menino de Engenho* e *Doidinho* de José Lins do Rego”)

Em *Menino de Engenho* (1932) de José Lins do Rego, a escola funciona como diferenciação. Era preciso distinguir o neto do Coronel José Paulino dos moleques da fazenda, os moleques queimados, livres, soltos como bichos. A tia do menino, tia Maria, explicita a diferença social:

Você está um negro, me disse Tia Maria. Chegou tão alvo, e nem parece gente branca. Isto faz mal. Os meninos de Emília já estão acostumados, você não. De manhã à noite, de pés no chão, solto como um bicho. Seu avô me falou nisto. Você é um menino bonzinho, não vá atrás destes moleques para toda parte. As febres estão dando por aí. O filho do Seu Fausto, no Pilar, há mais de um mês que está de cama. Para a semana vou começar a lhe ensinar as letras.⁷³

As letras são anunciadas, portanto, como critério de distinção. De um lado, as letras e a aversão que o menino sentia por elas; de outro, o mundo lá fora, a liberdade:

Ficava eu horas a fio sentado na sala de costura, com a carta de abc na mão, enquanto por fora de casa ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar. Era para mim, esta prisão, um martírio bem difícil de vencer. Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir e ver o que andava pelo terreiro. E as letras não me entravam na cabeça.⁷⁴

A primeira professora do menino é Judite, mulher de Dr. Figueiredo, que viera da capital passar tempos na vila do Pilar. O neto do prefeito era recebido com agrados: “Ela sempre que me ensinava as letras debruçava-se por cima de mim. E os seus abraços e os seus beijos eram os mais quentes que já tinha

⁷³ REGO, José Lins do. *Menino do Engenho*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968, p. 13.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 17.

recebido”.⁷⁵ Era a primeira vez que o menino tinha contato com gente estranha, mas a professora “era tão terna pra mim, me punha no colo para me agradar, para me dizer que me queria um bem de mãe”⁷⁶, que o menino cada vez mais se encantava pela estranha. Sofria quando a via apanhar do marido – “Eu sentia o seu sofrimento como se fosse o meu”. Sonhava com ela e não gostava dos domingos, quando sentia falta de seus abraços.

Foi com Judite, sentindo o cheiro dos seus cabelos e a carícia de suas mãos, sentindo uma “afeição estranha”, que o menino aprendeu o alfabeto. “A minha primeira paixão tinha sido pela bela Judite, que me ensinara as letras no seu colo.”⁷⁷

O outro mestre nomeado pelo narrador é Zé Guedes, “meu professor de muita coisa ruim”.⁷⁸ Zé Guedes é o professor que vai ensinar “as coisas da vida” – “Eram assim as minhas lições de porcaria com aquele mestre que não se contentava com o lado teórico de seu magistério e também dava as suas lições de coisas.”⁷⁹

O colégio era o lugar da disciplina, o lugar que “endireita” os meninos “safados, atrasados e vadios”, o lugar que apaga a liberdade, a inocência e conserta o juízo – a escola funciona como um sanatório: “Recorriam ao colégio como a uma casa de correção. Abandonavam-se em desleixos para com os filhos, pensando corrigi-los no castigo dos internatos.”⁸⁰ O que mais se ouvia é que a escola “amansava”, transformando a criança em outra:

Agora o colégio iria consertar ao dismantelo desta alma descida demais para a terra. Iriam podar os galhos de uma árvore, para que os seus brotos crescessem para cima.

– Quando voltar do colégio, vem outro, nem parece o mesmo.”⁸¹

E não por acaso o livro termina com uma referência explícita a *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Para o menino do engenho, enquanto Sergio tinha alma de anjo cheirando a virgindade, ele já sabia de tudo, era um menino de engenho, “um menino perdido”.

⁷⁵ Ibid., p. 32.

⁷⁶ Ibid., p. 33.

⁷⁷ Ibid., p. 92.

⁷⁸ Ibid., p. 34.

⁷⁹ Ibid., p. 35.

⁸⁰ Ibid., p. 118.

⁸¹ Ibid., p.119.

Mas se os alunos eram diferentes, a escola tinha o mesmo objetivo: “endireitar”, “amansar”, transformar o menino “perdido” em “homem instruído”. Custe o que custasse.

A missão dessa escola disciplinadora continua em outra obra de José Lins do Rego, *Doidinho*, publicada em 1933 – um prosseguimento da história de *Menino de Engenho*. Novamente, um ensino que massacra, que causa tremores e suores frios, que acredita que o aprendizado só se dá através da violência – “menino só aprende mesmo com castigo”.⁸² O sistema de educar “a ferro e a fogo”.⁸³ A escola como cadeia, lugar de massacre, lugar que tinha suas próprias leis:

Na Paraíba era proibido dar de palmatória, e isto mesmo porque o governo não sabia. Não havia governo para o Professor Maciel. Quando lhe botavam os meninos no colégio, prevenia os pais.

– Castigo os alunos.

Só aceitava assim. Ao contrário, passasse a outro.⁸⁴

Já no primeiro dia de aula, a palmatória estala:

De tarde fui dar minha lição. Levava o coração aos saltos, como nas noites em que acordava com o quarto às escuras. [...] Errei a lição toda. Sabia quase que decorada a história de “Júlia, a boa mãe”. O medo, no entanto, fazia a minha memória correr demais; e saltava as linhas.

– Leia devagar. Para que esta pressa?

Foi pior. A língua não me ajudava. Quando vi foi ele com a palmatória na mão.

– Levante-se.

Não soube mais o que fiz. Senti as mãos como se estivesse com um formigueiro em cada uma. Como o Chico Vergara, apanhava no meu primeiro dia de aula.⁸⁵

A escola apavora, ela é o lugar que vai “endireitar” – esta é a sua missão. Não à toa *Doidinho* começa com o seguinte parágrafo: “Pode deixar o menino sem cuidado. Aqui eles endireitam, saem feito gente, dizia um velho alto e magro para o meu Tio Juca, que me levava para o colégio de Itabaiana.”⁸⁶

Novamente, alunos que são considerados idiotas, que não têm direito a resposta, que são “moleques”, no sentido pejorativo, “feras” que não sabem nada:

⁸² REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957, p. 20.

⁸³ *Ibid.*, p. 17.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 76.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 11.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 3.

“o pouco que eu sei ensino aos senhores, e os senhores não aprendem. Já estou cansado de ensinar a burros, a burros – terminou, gritando as palavras como se quisesse cortá-las com os dentes”,⁸⁷ diz o mestre. Quem não sabe a lição é tratado sem piedade, é bicho. “É o cúmulo, gritava o velho, deixar-se um menino deste tamanho sem saber nada. Só bicho se cria assim. Por que está o senhor chorando? Volte para o seu canto. Mais tarde vou-lhe tomar a lição outra vez.”⁸⁸

Novamente, um menino que se sente estranho e sozinho – “o meu avô, os moleques, os campos, as negras, o gado, tudo me parecia perdido, muito de longe, de um mundo a que não podia mais voltar. E comecei a chorar mordendo os travesseiros.”⁸⁹

A escola que tortura não cria condições para a amizade. Pelo contrário, faz das próprias crianças fiscais umas das outras:

Mais uma que o colégio me dava! O meu único amigo, aquele que tinha coragem de ficar comigo, estava agora a serviço da tirania, virara cão de fila, um espião da ordem. Através dele iríamos sentir a opressão do velho diretor. Mas Coruja era um bom, não se entregaria com aquela subserviência de Filipe às suas funções. Podia ser decurião e continuar o mesmo. Apenas o diretor não queria em camaradagem conosco. A autoridade exigia esses limites, essas distâncias.⁹⁰

Novamente, um professor rigoroso, autoritário e torturador: “Pareceu-me o diretor uma figura de carrasco [...] Falava como se estivesse sempre com um culpado na frente, dando a impressão que estava pronto para castigar”.⁹¹ Um professor que destruía os alunos: “O senhor não sabe nada.”⁹², “O senhor sabe que eu não quero moleques aqui; o senhor não se emenda. Venha para cá, seu atrevido”⁹³; “No meu colégio mando eu, eu e mais ninguém”.⁹⁴

Seu Maciel, o professor, não tem pena. “O velho é uma peste: por qualquer coisa está dando na gente. O Chico Vergara da Paraíba chega a ter a mão azul de bolo: é de manhã e de noite.”⁹⁵ Seu Maciel não tem compaixão: nem na sala de

⁸⁷ Ibid., p. 37.

⁸⁸ Ibid., p. 10.

⁸⁹ Ibid., p. 9.

⁹⁰ Ibid., p. 131.

⁹¹ Ibid., p. 6.

⁹² Ibid., p. 7.

⁹³ Ibid., p. 10.

⁹⁴ Ibid., p. 37.

⁹⁵ Ibid., p. 5.

aula, nem fora dela. Nas horas de refeição, na cabeceira da mesa, ele impunha a todos que comessem o que tinha na mesa:

- Não gosto de feijão.
 - Pois é o que o senhor tem de comer aqui todos os dias.
- Engoli, com um nó na garganta, a minha primeira bóia de prisioneiro.
- Se o senhor quiser escolher comidas, vá para o hotel.
- Isto com uma voz seca, estridente, atravessando o interlocutor de lado a lado.⁹⁶

Seu Maciel é tão cruel quanto a escola, uma crueldade que invade o pequeno Carlos, para quem a frieza da escola é dor que vai “picando devagarinho”. E não se pode nem chorar...

A liberdade licenciosa do engenho sofria ali amputações dolorosas. Preso como os canários nos meus alçapões. Acordar à hora certa, comer à hora certa, dormir à hora certa. E aquele homem impiedoso para tomar lições, para ensinar à custa do ferrão o que eu não sabia, o que não quisera aprender com os meus professores, os que não me davam porque eu era neto do Coronel Zé Paulino. Agora não havia mais disso. Era somente um Carlos de Melo como os outros, menino atrasado, no segundo livro de leitura, quando existiam menores no Coração. E aos poucos, como uma dor que viesse picando devagarinho, a saudade do Santa Rosa me invadiu a alma inteira. O meu avô, os moleques, os campos, as negras, o gado, tudo me parecia perdido, muito de longe, de um mundo a que não podia mais voltar. E comecei a chorar mordendo os travesseiros. Mas o choro era daqueles que violam o silêncio, e cortei os soluços na garganta.⁹⁷

A figura do professor se confunde com a de carrasco:

Pareceu-me aí o diretor uma figura de carrasco. Alto que chegava a se curvar, de uma magreza de tísico, mostrava no rosto uma porção de anos pelas rugas e pelos bigodes brancos. Tinha uns olhos pequenos que não se fixavam em ninguém com segurança. Falava como se estivesse sempre com um culpado na frente, dando a impressão de que estava pronto para castigar.⁹⁸

O seu Maciel era tirano e autoritário: “no meu colégio mando eu, eu e mais ninguém”.⁹⁹ Seus olhos eram diabólicos; injusto, castigava por adivinhação.

Os castigos iam da palmatória ao isolamento total em um quarto; a criança, sentada num tamborete, sozinha – “passar horas e horas sem uma palavra, com a

⁹⁶ Ibid., p. 6.

⁹⁷ Ibid, p. 8- 9.

⁹⁸ Ibid., p. 6.

⁹⁹ Ibid., p. 37.

boca seca ouvindo lá por fora o rumor da conversa dos outros.”¹⁰⁰ O abandono era a sofisticação da punição, a tortura.

Aprender a escrever era um sacrifício. Qualquer desvio era punido com a palmatória. As lições eram pretexto para surras:

Estava nas frações e quase no fim do terceiro livro de leitura. A letra, porém, é que não tinha jeito de melhorar. O meu nervoso talvez que fosse o responsável pelos meus garranchos. Cobria com cuidado os cadernos de caligrafia, e borrões ficavam em cada página.

– Se este caderno vier borrado amanhã, o senhor se arrepende. E ia borrado. Caprichava, esforçava-me, mobilizava toda a minha paciência, e no fim a pena obedecia aos meus pobres nervos, e a tinta marcava-me a condenação ao bolo. Fazia os exercícios na própria mesa do diretor, e ele me dava com a régua nas mãos para consertar a posição deformada dos dedos na caneta:

– O senhor parece um paralítico escrevendo.”¹⁰¹

O cotidiano do colégio era insuportável; a única distração, pensar nas férias. O aprendizado não dava um prazer sequer. O terror do professor-diretor fazia do internato a cadeia. “E este conhecimento mais me atormentava. Não ignorava nada do que me reservavam os cinco meses de sentença a tirar.”¹⁰² O internato era a prisão, o castigo, a punição. E o ensino, idem: uma forma de transformar todos numa coisa só, num ato de obediência, de humilhação, de absoluta despersonalização. Aprender era um combate; a leitura era a prova dos nove; a literatura, uma bobagem: “Melhor que em vez destas besteiras, o senhor soubesse escrever certo as palavras”.¹⁰³ O professor, o tirano, contra o qual nada se podia fazer:

Velho ruim, o diretor. Fiquei na sala inchando de raiva, planejando coisas absurdas. Tomara que aquele diabo morresse! Porque me machucava impiedosamente aquela história de apanhar sem culpa. Me desse com razão, mas somente porque não conseguia aprender aquelas voltas e viravoltas, não me batesse: era judiar demais. Pensei até em matar o velho. Essa idéia homicida chegou-me na cama.¹⁰⁴

O menino não tinha saída, por isso, sonhava em matar o professor, vendo nisso a única chance de recuperar a liberdade. A escola era insana, não havia

¹⁰⁰ Ibid., p. 41.

¹⁰¹ Ibid., p. 33.

¹⁰² Ibid., p. 130.

¹⁰³ Ibid., p. 165.

¹⁰⁴ Ibid., p. 160.

lógica que justificasse nada. Uma educação incapaz de promover qualquer processo de singularidade. Não à toa o menino recebe o apelido de “Doidinho”. “Doidinho” era o apelido para um menino que pensava, que fantasiava, que queria se opor às injustiças. Um “doidinho” precisava ser corrigido, nem que fosse à força. Aliás, no colégio de Itabaiana só com surra se aprendia qualquer coisa. Era o caminho natural, a violência; a palmatória, o único recurso.

O ambiente de crueldade, de hostilidade entre o diretor e os alunos se estende aqui também aos alunos. O “presídio” incitava a rivalidade, a discórdia. Os meninos se agriam. Carlinhos se sente só: “Por que se mostravam tão ruins assim os meus colegas? Abusavam dos mais fracos, dos mais infelizes, dos mais atrasados. Só Coruja eu via grande naquele meio, e este mesmo nos deixara.”¹⁰⁵ “Procurasse um que fosse capaz de um afeto, de uma amizade grande, que não encontrava. Pobres arbustos humanos, incapazes de uma sombra, de uma boa sombra acolhedora.”¹⁰⁶

Uma realidade tão violenta, um texto tão seco que é impossível não se revoltar contra o professor tirano, torturador, massacrante – mesmo que às vezes (poucas vezes) o menino ainda consiga enxergar uma certa ternura no professor, como na briga do diretor com o Elias do Riachão.

Mas quando Elias se grudou com ele, rompendo a ordem da casa, foi ao lado do velho que eu fiquei. Tinha-lhe quase sempre raiva de morte, seria capaz de atentar contra ele, se me dessem força bastante. E no entanto fiquei a seu lado naquele momento. Era talvez que o diretor se identificava conosco, com desvelos de pai. De um pai de coração duro, desses que amam os filhos, porém dizem amar muito mais o futuro deles; e daí os corretivos de chicote em punho, a cara feia da manhã à noite. Via-o sentado numa ânsia de doente do coração, e tive pena do seu Maciel.¹⁰⁷

O ensino da gramática era, para o menino, bem mais fácil que os exercícios militares, que foram uma das suas grandes torturas, pela falta de jeito e de ritmo. Afinal, para a gramática era necessária só a “decoreba”: “Decorava tudo com uma precisão de máquina.”

Os livros que vão conquistar Carlinhos, que ele vai ler até doente, são os livros que tio Juca vai indicar, ou seja, a literatura vai cativar, não na escola onde o livro provoca castigo, mas fora dela. “A literatura começava a me seduzir com ares assim de deboche. Era o primeiro livro que lia do começo ao fim por gosto,

¹⁰⁵ Ibid., p. 139-140.

¹⁰⁶ Ibid., p. 145.

¹⁰⁷ Ibid., p. 81.

sem a obrigação da lição. E me empolgou a leitura de tal forma, que me confundia com os desejos libertinos da história.”¹⁰⁸

Depois das histórias que chegam por tio Juca, o menino vai se encantar pelas palavras, pelos poetas e oradores. O grêmio literário da escola não tinha um livro sequer, mas tinha oradores: “Por isso as sessões do Grêmio, com os discursos do diretor, de que nada entendia mas que ouvia como a uma música, me satisfaziam bastante.”¹⁰⁹ O fascínio pela palavra revela-se na admiração por quem a maneja: “E os oradores, os escritores e os poetas me pareciam sempre gente que andava por cima de todos nós.”¹¹⁰

Ao contrário do avô que nunca abria um livro que não fosse a folhinha que marcava as luas, o menino era um leitor. Ele se encanta pela linguagem de um livro que apareceu na escola, cheio de figuras e de retratos de homens de letras. Este livro o inspira a escrever, mesmo que um texto ainda não autoral, à moda do livro – “Os passarinhos gorjeavam nas árvores os seus cantos harmoniosos.”

A tentativa de fazer poesia, no entanto, não encontra respaldo na casa do velho Zé Paulino. “Lá ninguém fazia cartas difíceis [...] Tudo era chão e simples entre os meus.”¹¹¹ A literatura não cabe na gente do Santa Rosa; “no casarão do velho Zé Paulino não havia quarto de hóspede para as musas.”¹¹²

3.4

“O que eu via era uma criatura incrível, de cara amarrada, intratável e feroz.”

(ou “O professor em *Cazuza*, de Viriato Correa”)

“E, por amor às calças, comecei a mostrar amor aos livros” – assim o narrador de *Cazuza* (1938), de Viriato Correa, explica o principal motivo que o levou a desejar freqüentar uma escola: deixar de usar vestidinhos e passar às calças compridas. Além disso, devido ao seu primeiro contato com a escola ter sido justamente numa festa de formatura, esta lhe pareceu um lugar de alegria: “O discurso do professor, as flores e as palmas verdes, a alegria da meninada, a

¹⁰⁸ Ibid., p. 113.

¹⁰⁹ Ibid., p. 163.

¹¹⁰ Ibid., p. 163.

¹¹¹ Ibid., p. 166.

¹¹² Ibid., p. 166.

passateia, assanharam-me o sangue. Voltei para casa contentíssimo. Fiquei tendo da escola a idéia de que era um lugar agradável, que dava prazer à gente.”¹¹³

Mas, antes mesmo do primeiro dia de aula, a imagem da escola começa a sofrer arranhões. A amiga Tetéia avisa que brincar e estudar são inconciliáveis: “O Juquinha, desde que começou a aprender, não brincou mais conosco. Vocês ficam logo pensando que são gente grande.”¹¹⁴ O amigo Ioiô é mais objetivo: não quer ir para a escola porque sabe que lá apanha: “Eu? Cruz! Não nasci para levar ‘bolo’. A palmatória de lá trabalha na mão da gente... O Hilário me disse que ‘bolo’ de palmatória dói muito mais do que “bolo” de chinela...”¹¹⁵ Mesmo assim, Cazuza está feliz, orgulhoso da camisa igual à do pai e dos sapatos novos. A decepção, no entanto, dá-se logo:

Eu tinha visto aquela sala num dia de festa, ressoando pelas vibrações de cantos, com bandeirinhas tremulantes, ramos e flores sobre a mesa. Agora ela se me apresentava tal qual era: as paredes nuas, cor de barro, sem coisa alguma que me alegrasse a vista.¹¹⁶

A escola pareceu-lhe uma prisão; os meninos, “condenados” e o professor João Ricardo, um carrasco: “Tentei encarar o professor e um frio esquisito me correu da cabeça aos pés. O que eu via era uma criatura incrível, de cara amarrada, intratável e feroz”.¹¹⁷

O professor João Ricardo é velho, carrancudo, ameaçador. “De cara amarrada, como se ali estivesse para receber criminosos”¹¹⁸, castigava os alunos até mesmo sem razão: se chovia e alguns alunos faltavam, os que iam a escola ganhavam “bolo”; se na competição de caligrafia, houvesse empate – ambos os alunos tinham letra boa, os dois eram castigados. Tudo era motivo para castigos cruéis:

O velho João Ricardo punha-se a passear entre os bancos, de régua na mão, fingindo-se desatento, mas, de fato, estava a vigiar a sala através dos vidros escuros dos óculos. Se um menino cochichava com outro, se segurava mal a

¹¹³ CORREA, Viriato. *Cazuza*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970, p.15.

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 27.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 27.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 28.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 29.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 33.

caneta, se se distraía a olhar os maribondos do teto, ele, imediatamente, lhe vibrava a régua nas mãos e na cabeça.¹¹⁹

Neste cenário, o estudo era “uma toada enfadonha”, “nada, nada que despertasse o gosto pelo estudo”.¹²⁰ A escola era apenas disciplinadora e punitiva, ou conforme as palavras do professor, “escola é coisa séria”¹²¹; não é “lugar de brinquedo”.¹²²

Os alunos não tinham direito à reclamação, ficando o poder totalmente nas mãos do mestre, cuja autoridade era inquestionável. Diante de uma pergunta do aluno, o professor responde: “Não quero novidades! Sempre e sempre foi assim. Atrevido! Quem é aqui o professor?”¹²³

O poder irrestrito do professor fica explícito na passagem em que o mestre entrega ao pai pobre o aluno que não aprende, que vive a comer terra, e o pai suplica ao professor que fique com ele, autorizando-o a castigá-lo sempre que quiser:

– Já sei, disse depois de encarar o filho, foi ele que fez alguma. É a minha vergonha, professor, este menino é a minha vergonha!

– É mesmo! afirmou João Ricardo. Não é mais possível aturá-lo. Leve-o, leve-o de uma vez. O senhor é pai, pode fazer o que quiser. Eu é que não posso mais fazer nada. São três anos. Durante três anos castiguei-o, dei-lhe bordoadas, fiz tudo que estava nas minhas forças e nada, absolutamente nada consegui. Leve-o, leve-o, que eu perdi completamente a paciência!

O Chico Lopes machucou nervosamente o chapéu nos dedos e rebateu energicamente:

– Não, professor! O senhor vai ficar com ele! O senhor vai dar-lhe ensino! Por que não? Por que tem medo de esbofeteá-lo demais? Não tenha medo nenhum! Dê-lhe a bordoadas que quiser! Está autorizado por mim.¹²⁴

Mas não são só os pobres que acreditam nas vantagens do autoritarismo e da violência. O tio de Cazuzu, Tio Olavo, contrariando os pais do menino, magoados com a mão inchada do menino, também diz que, sem palmatória, não pode haver aprendizado:

¹¹⁹ Ibid., p. 33.

¹²⁰ Ibid., p. 34.

¹²¹ Ibid., p. 36.

¹²² Ibid., p. 45.

¹²³ Ibid., p.52.

¹²⁴ Ibid., p. 61.

Criança merece sempre bordoadas, disse com seu vozeirão. O professor nunca é injusto. Às vezes pensamos que ele castigou demais. É engano. Quando o castigo é demais nesta falta, serve para suprir o que foi insuficiente ou nenhum naquela outra. Bordoada nunca faz mal à criança.¹²⁵

A escola da vila, a segunda escola que Cazuzza vai frequentar, é bastante diferente da escola do povoado. As crianças brincam alegremente, as paredes são cobertas de fotografias, quadros, bandeiras, mapas, que encantam os alunos. A diretora Dona Janoca confunde-se com a própria mãe: “Dona Janoca, a diretora, recebeu-me com o carinho com que se recebe um filho”¹²⁶; “Havia nas suas maneiras suaves um quê de tanta ternura que nós, às vezes, a julgávamos nossa mãe.”¹²⁷

Foi Dona Janoca, aliás, que com suas irmãs, as outras duas professoras, arrumaram o espaço da escola, “de broxa e pincel nas mãos, caiando e pintando paredes”, ressuscitando a velha casa, “como os palácios surgem nos contos de fada.”¹²⁸

Dona Nenén é a professora de Cazuzza. Doce, delicada, suave, nunca ralhava e, para repreender, contava histórias de fundo moral. “Assim, miudinha, misturada ali conosco, podia-se pensar que fosse nossa irmã mais velha. Fazia-se respeitar porque se fazia estimar.”¹²⁹

Já a outra professora da escola, Dona Rosinha, era inquieta, alegre, ágil. “Nem bonita nem feia. Mas irradiava tanta graça e tanto brilho quando falava, andava e ria, que se tinha a ilusão de que ela fosse formosa. Conhecia o segredo de entrar no coração das crianças.”¹³⁰

A relação entre as três professoras e os alunos se dá pelo viés do afeto, tanto que o aniversário da diretora é comemorado com uma grande festa, com a presença de todos os alunos.

Depois da escola da vila, Cazuzza segue para o colégio na cidade de São Luís, o Timbira. O espaço já é maior e não há mais um ou três professores, mas muitos, de variados perfis: “Havia-os de todos os feitios, os ásperos, os pacientes, os bons, os desleixados, os que gostavam de dar cascudos e os que não sabiam

¹²⁵ Ibid., p. 64.

¹²⁶ Ibid., p. 75.

¹²⁷ Ibid., p. 76.

¹²⁸ Ibid., p. 77.

¹²⁹ Ibid., p. 78.

¹³⁰ Ibid., p. 78.

ensinar senão com berros.”¹³¹ O professor preferido de Cazuzza é João Cância. Feio, magro, míope, alto e esquisito, o professor morava no próprio colégio, num quartinho atulhado de livros. “O ar tristonho, o corpo esguio, o todo desajeitado, metiam medo. Mas, aos poucos ia-se-lhe notando na fisionomia qualquer coisa de doçura e de bondade e, nos olhos, um ardente clarão de inteligência.”¹³² João Cância vivia de livro na mão, absorvido na leitura. Distraído, era considerado pelos colegas um louco, suas opiniões provocavam gargalhadas. Para os alunos, no entanto, João Cância era o preferido: “Não havia ninguém mais tolerante, como não havia ninguém mais justo. O que dizia tinha sempre um tom de novidade. As coisas difíceis tornavam-se simples depois que ele as explicava. As suas aulas penetravam-nos no fundo do entendimento como um raio de sol atravessa uma vidraça.”¹³³ João Cância, portanto, distingue-se do professor austero, raivoso, autoritário, é o primeiro professor homem a cativar o menino. É curioso notar que esse professor destoa do perfil de professores da escola, ele é um professor-leitor, que vive com os livros, um professor que os colegas julgavam louco. Um professor que defende os negros, que se aproxima dos alunos: “No fundo, nenhum de nós o tinha como professor. O bem que lhe queríamos era um bem de companheiro e de irmão.”¹³⁴

Além de o professor João Cância ter sempre livros à mão e de seu quarto ser apinhado de livros, os livros são também valorizados na fala do diretor, o velho Lobato, quando discursa em favor do aluno pobre que se esforça: “Um estudante inteligente, que não ama os livros, vale infinitamente menos do que um estudante não inteligente que não faz outra coisa senão estudar.”¹³⁵

Nas páginas finais do livro, o episódio da disputa da medalha de ouro revela a imagem do professor do maior colégio da cidade. A disputa fica entre um aluno rico que não se sai bem na competição e um aluno pobre, que brilha em suas respostas. Os professores, ao invés de se posicionarem ao lado do aluno estudioso, favorecem o aluno rico, mostrando-se elitistas e injustos: “O que não se podia negar é que a maioria dos professores, acostumados a lisonjear o menino mais rico

¹³¹ Ibid., p. 142.

¹³² Ibid., p. 142.

¹³³ Ibid., p. 142.

¹³⁴ Ibid., p. 175.

¹³⁵ Ibid., p. 171.

do colégio, não pensavam em dar o prêmio senão ao Jaime.”¹³⁶ O professor João Cântio confirma sua dissonância com a equipe do colégio: abaixa a cabeça, constrangido com a injustiça.

Cazuza começa com o capítulo *As calcinhas* e termina com *Homenzinho*. É a escola que faz a passagem da criança “bebê” ao menino que já usa calças, feito um homem. A medalhinha de prata que o menino traz ao peito de volta à casa, que indica que ele fez o ensino primário, faz sentir-se orgulhoso. Para ele, não pode haver na vila ninguém mais importante. A escola muda o pensamento de Cazuza sobre ele mesmo, lhe dá confiança, faz sentir-se homem. No fim do livro, Viriato Correa reforça o poder transformador da escola: ninguém olhava de fato o menino na vila, mas ele estava convencido de que toda gente se admirava dizendo: “– Este é o Cazuza! Ele não é mais criança. Agora é um homenzinho.”¹³⁷ Foi a escola que fez a passagem, a transformação. De calcinha a homenzinho.

3.5

“Imaginei-a uma boneca da escola normal. Engano.”

(ou O professor em São Bernardo, de Graciliano Ramos)

Paulo Honório resolve abrir uma escola na sua fazenda São Bernardo. Ele queria apenas “um bocado de leitura, escrita e conta”.¹³⁸ Madalena é professora. “Excelente aquisição, mulher instruída”, sugere João Nogueira. “Até lhe enfeita a casa”, reitera Azevedo Godim. “Tolice. Ando lá procurando bibelôs?”, retruca o fazendeiro.

Paulo Honório é o personagem-narrador do segundo romance de Graciliano Ramos, *São Bernardo*, publicado em 1934. Além da professora, o fazendeiro resolve buscar uma mulher para lhe dar herdeiros: “Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.”¹³⁹, diz ele. Vai, então, à casa do dr. Magalhães, juiz de direito, em busca de d. Marcela, sua filha. Mas lá se depara com uma senhora nova e loura, “que sorria também, mostrando os

¹³⁶ Ibid., p. 179.

¹³⁷ Ibid., p. 188.

¹³⁸ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 56.

¹³⁹ Ibid., p. 67.

dentinhos brancos.”¹⁴⁰ É através de diminutivos que o narrador mostra o encanto que sentiu pela mocinha loura: “A loura tinha a cabecinha inclinada e as mãozinhas cruzadas, lindas mãos, linda cabeça.”¹⁴¹ “Observei então que a mocinha loura voltava para nós, atenta, os grandes olhos azuis.”¹⁴² “De repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando – mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha. D. Marcela era bichão. Uma pitaria, um pé-de-rabo, um toitiço!”¹⁴³

A apresentação, no entanto, só se dá no encontro seguinte, quando Paulo Honório, ao voltar da capital, encontra d. Glória, a tia de Madalena. Na estação, ela o apresenta à sobrinha. O fazendeiro, encantado, fica tão atrapalhado, que deixa cair um dos pacotes de sua mão. Já tinha ouvido elogios à professora, já tinha também se encantado pela mocinha loura: “Eu já conhecia a senhora de nome. E de vista. Mas não sabia que era uma pessoa só”¹⁴⁴, confessa.

Madalena não se assemelha a nenhuma das mulheres comuns ao fazendeiro. D. Marcela era “bichão”, Madalena era miudinha e fraquinha; Germana e Rosa eram “criaturas”, Madalena, “uma senhora que vem da escola normal”¹⁴⁵. Godim reforça a diferença, quando conta que a professora escreve para o jornal *Cruzeiro*, é “mulher superior”¹⁴⁶, “muito instruída”¹⁴⁷.

O convite é feito, mas Madalena hesita. Paulo Honório, então, dá a cartada final. “Pra ser franco, essa história de escola foi tapeação. [...] Resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me quadra... Sim, como me engracei da senhora quando a vi pela primeira vez...”¹⁴⁸

Graciliano conduz, então, um diálogo espetacular, em que Paulo Honório demonstra todo o seu fascínio por Madalena. O fazendeiro, justo ele que se dizia desprovido das palavras, vai transformar cada objeção em vantagem, num discurso extremamente sedutor. As diferenças de idade, cultura, meio social e classe econômica são todas convertidas em condições favoráveis para o casamento:

¹⁴⁰ Ibid., p. 74.

¹⁴¹ Ibid., p. 76.

¹⁴² Ibid., p. 77.

¹⁴³ Ibid., p. 77.

¹⁴⁴ Ibid., p. 91.

¹⁴⁵ Ibid., p. 92.

¹⁴⁶ Ibid., p. 95.

¹⁴⁷ Ibid., p. 96.

¹⁴⁸ Ibid., p. 101.

- Deve haver muitas diferenças entre nós.
- Diferenças? E então? Se não houvesse diferenças, nós seríamos uma pessoa só.
- Deve haver muitas. Com licença, vou acender o cachimbo. A senhora aprendeu várias embrulhadas na escola, eu aprendi outras quebrando a cabeça por este mundo. Tenho quarenta e cinco anos. A senhora tem uns vinte.
- Não, vinte e sete.
- Vinte e sete? Ninguém lhe dá mais de vinte. Pois está aí. Já nos aproximamos. Com um bocado de boa vontade, em uma semana, estamos na igreja.
- O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouvir? A verdade é que sou pobre como Jô, entende?
- Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a um acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu.¹⁴⁹

Paulo Honório e Madalena casam-se, na capela de São Bernardo. Paulo Honório imaginava a professora “uma boneca da escola normal”,¹⁵⁰ mas logo percebe o engano: nos primeiros dias de casamento, Madalena larga-se para o campo, rasga a roupa nos garranchos do algodão, percorre as casas dos moradores, onde garotos empalamados e beiçudos agarravam-se às suas saias, folheia livros, examina documentos, conserta a máquina de escrever, e, além de tudo, manifesta sua opinião a favor dos empregados, contra as condições de trabalho oferecidas pelo marido fazendeiro. À opinião da mulher, reiterada pela tia, Paulo Honório responde com gritos.

Madalena empalideceu:

- Não é preciso zangar-se. Todos nós temos as nossas opiniões.
- Sem dúvida. Mas é tolice querer uma pessoa ter opinião sobre assunto que desconhece. Cada macaco no seu galho. Que diabo! Eu nunca andei discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo que devo saber. E era bom que não me viessem dar lições. Vocês me fazem perder a paciência.¹⁵¹

A amabilidade de Madalena, sua generosidade com os empregados, sua preocupação com os pobres, surpreende o “coração agreste”, que até então tinha todo o poder na mão e tratava os empregados como queria, sem ninguém a contestá-lo. Para Paulo Honório, o que Madalena propunha era um absurdo. Como gastar, por exemplo, seis contos de réis em material para a escola – globos, mapas, etc. –, justo ele que aprendeu leitura numa bíblia de capa preta? “Para que aquilo?”

¹⁴⁹ Ibid., p. 102.

¹⁵⁰ Ibid., p. 110.

¹⁵¹ Ibid., p. 115.

O governador se contentaria se a escola produzisse alguns indivíduos capazes de tirar o título de eleitor.”¹⁵² Para que dar um vestido de seda, mesmo que rasgado à Rosa? “Deitasse fora, foi o que eu disse a Madalena. Se estava estragado, era deitar fora. Não é pelo prejuízo, é pelo desarranjo que traz a esse povinho um vestido de seda.”

Madalena contestava as atitudes do marido, sua forma de tratar os empregados, sua violência, arrogância, crueldade, autoritarismo. Para Paulo Honório, Madalena aborrecia-se com “frivolidade”, que ele não podia entender, muito menos preocupar-se em responder. “Fiz aquilo porque achei que devia fazer aquilo. E não estou habituado a justificar-me, está ouvindo? Era o que faltava. Grande acontecimento, três ou quatro muxicões num cabra. Que diabo tem você com o Marciano para estar tão parida por ele?”¹⁵³

Mesmo grávida, a professora não se intimida, mantém as críticas ao marido, críticas feitas de forma objetiva, clara, sem rodeios. Graciliano constrói um longo diálogo entre o casal, após Paulo Honório ter sido ríspido com d. Glória, criticando-a por falar demais e passar o tempo lendo romances, sem trabalhar. Madalena refuta um a um os argumentos do marido, sem perder a delicadeza, sem levantar a voz:

Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina. Ultimamente dizia-me coisas desagradáveis, que eu fingir não compreender. Via a barriga crescer-lhe. Uma compensação. Sentei-me e, para não desgostá-la:

- Foi realmente brutalidade. Brutalidade necessária, mas enfim brutalidade. É uma pena recorrer a isso.
- E para que recorre? chasqueou Madalena.
- Já você começa. Esses modos não, tenha paciência. Detesto picuinhas. Comigo é trás zás, nó cego. Subterfúgios não.
- Quem é que está com subterfúgios? Foi uma brutalidade.
- Necessária.
- Desnecessária. Vê-se bem que você não gosta de minha tia.¹⁵⁴

A professora não se cala e é capaz de dizer que não há comparação entre a tia e a fazenda, o que para Paulo Honório era um absurdo: “Vaidade. Professorinhas de primeiras letras a escola normal fabricava às dúzias. Uma propriedade como S. Bernardo era diferente.”¹⁵⁵ E como Madalena não sossega,

¹⁵² Ibid., p. 127.

¹⁵³ Ibid., p. 129.

¹⁵⁴ Ibid., p. 134.

¹⁵⁵ Ibid., p. 136.

Paulo Honório é obrigado a encerrar a discussão (e Graciliano, o capítulo) com uma aparente concessão: “Pode ser que você tenha razão. Eu discordo. Mas enfim cada qual tem lá o seu modo de matar pulgas.”¹⁵⁶

A oposição de Madalena, sempre exposta em tom baixo, de forma tão diferente a que a “alma agreste” estava acostumada, gera ódio em Paulo Honório, “uma cólera despropositada”, reconhece ele mais tarde. Ele tenta conter a mulher, “a d. Madalena não dá ordens”, mas não consegue. Começa, então, a sentir ciúmes dela, de sua amizade com Padilha, de sua simpatia por Nogueira. “Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes.”¹⁵⁷ Se a aparência do fazendeiro antes lhe garantia respeito – “a idade, o peso, as sobrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração”¹⁵⁸, a partir dos ciúmes, a sua percepção de si muda e ele se reconhece um monstro: “Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado [...] Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe dessas deformidades monstruosas”¹⁵⁹.

A distância entre a professora e o fazendeiro fica cada vez maior:

Eu narrava o sertão. Madalena contava fatos da escola normal. Depois vinha o arrefecimento. Infalível. A escola normal! Na opinião do Silveira, as normalistas pintam o bode, e o Silveira conhece instrução pública nas pontas dos dedos, até compõe regulamentos. As moças aprendem muito na escola normal.

Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou coisa que o valha. Falam bonito no palco, mas intimamente, com as cortinas cerradas, dizem:

– Me auxilia, meu bem. [...]

Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava-se da religião, lia os telegramas estrangeiros.

E eu me retraía, murchava.¹⁶⁰

A visão de mundo de Madalena e o afastamento entre eles deixa Paulo Honório cada vez com mais raiva. Ele não participa do universo dela; ela não participa do universo dele. A desconfiança dele aumenta: “Eu tinha razão para

¹⁵⁶ Ibid., p. 138.

¹⁵⁷ Ibid., p. 155.

¹⁵⁸ Ibid., p. 230.

¹⁵⁹ Ibid., p. 221.

¹⁶⁰ Ibid., p. 158 e 159.

confiar em semelhante mulher? Mulher intelectual.”¹⁶¹ O ciúme leva-o primeiro a encontrar em si próprio as condições negativas que justificassem o desprezo de Madalena: “Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar uma fêmea com semelhantes mãos!”¹⁶² O ciúme derruba o poderoso, submete o dominador, aquele que até então soubera dominar a sua vida e sobretudo a dos outros. O ciúme faz com que Paulo Honório se sinta submisso à Madalena, àquela que ele julgava apenas uma boneca, àquela que ele achava que ia lhe servir, passivamente, dando-lhe herdeiros, enfeitando sua casa e conduzindo a escola da fazenda. O ciúme o leva ao desequilíbrio.

É Madalena, portanto, a professora, que instaura nele esse desequilíbrio, que o leva à loucura: “O meu desejo era pegar Madalena e dar-lhe pancada até no céu da boca. Pancada em d. Glória também, que tinha gasto anos trabalhando como cavalo de matuto para criar aquela cobrinha.”¹⁶³ Começa a mexer nas malas, nos livros, na correspondência da mulher. Madalena chora e grita. “Depois vieram outros ataques, outros choros, outros gritos, choveram descomposturas e a minha vida se tornou um inferno.”¹⁶⁴

Paulo Honório passa a desconfiar de tudo até que um dia Madalena se irrita e mostra o seu desagravo, quando ele exige que ela exiba uma carta para ele. Madalena responde: “Vá para o inferno, trate da sua vida.” Paulo Honório não agüenta: “Deixa ver a carta, galinha”. Ela responde, xingando-o, inclusive de assassino. “Os outros nomes feios que ela me havia dito não tinham significação. Aquele tinha uma significação. Era o que me atormentava.”

Atormentado, Paulo Honório demite Padilha, que retruca. “Eu sou culpado de sua mulher ter idéias avançadas?”¹⁶⁵ “Literatura, política, artes, religião... Uma senhora inteligente, a d. Madalena. E instruída, é uma biblioteca. Afinal eu estou chovendo no molhado. O senhor, melhor que eu, conhece a mulher que possui.”¹⁶⁶

Os ciúmes são incontroláveis: “as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham

¹⁶¹ Ibid., p. 160.

¹⁶² Ibid., p. 164.

¹⁶³ Ibid., p. 163.

¹⁶⁴ Ibid., p. 164.

¹⁶⁵ Ibid., p. 171.

¹⁶⁶ Ibid., p. 173.

significação venenosa”¹⁶⁷ e os conflitos acabam provocando o suicídio de Madalena. Não há espaço para a personagem, a professora não suporta a injustiça, a crueldade, a desigualdade, a solidão. Sem saída, ela se mata.

Quando Paulo Honório escreve suas memórias, tenta descobrir quem foi Madalena e quem ele era. “Estraguei a minha vida estupidamente.”¹⁶⁸ Mas não há redenção. Graciliano dá ao personagem tamanha lucidez, que ele reconhece a sua impossibilidade de transformação, atribuindo sua personalidade ao meio social: “Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.”¹⁶⁹ E diante dessa sua primitividade, reconhece um determinismo: “Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.”¹⁷⁰

Diante desta impotência, só resta a escrita.

“Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste. E falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever.”¹⁷¹

A escrita surge como uma necessidade, que ele a princípio se julgava incapaz, tanto que decompõe a língua em linguagens especializadas e atribui cada uma a um amigo. Mas logo percebe que só ele pode realizar o seu projeto, só ele pode contar suas memórias. O pio de uma coruja é o desencadeador da narrativa, o que provoca o que é irreversível, mas ao mesmo tempo gratuito. Escrever é gratuito. A escrita é um delírio, mistura entre passado e presente, ficção e realidade, o homem do imaginário e o homem real, fatos e lembranças.

Madalena instaura em Paulo Honório o desequilíbrio, ele não pode tê-la, ele não consegue calá-la, ele não a faz a boneca que ele imaginava que ela seria, ela não se submete, e reage a ele apenas através da palavra. Ela não aproveita a

¹⁶⁷ Ibid., p. 182.

¹⁶⁸ Ibid., p. 220.

¹⁶⁹ Ibid., p. 221.

¹⁷⁰ Ibid., p. 220.

¹⁷¹ Ibid., p. 117.

violência, instrumento que ele dominava para calar os outros. A professora se serve apenas das palavras e do diálogo, e é justamente isso que mais alucina Paulo Honório, porque ele mesmo confessa que a linguagem era o que ele menos dominava, tanto que convocara os amigos para ajudá-lo a escrever suas memórias. Uma forma de vir à tona a força das palavras, aquilo que Graciliano Ramos iria repetir em *Infância*: “as palavras são armas terríveis”¹⁷².

3.6

“Narrei-lhe tolices. D. Maria escutou-me.”

(ou “O Professor em *Infância*, de Graciliano Ramos”)¹⁷³

No início, eram os ouvidos e os olhos. Depois, vieram as letras, as sílabas e as palavras. Até os livros. Durante esse percurso, professores.

Já no primeiro capítulo do livro *Infância* de Graciliano Ramos (publicado em 1945), *Nuvens*, o narrador refere-se a duas imagens/lembranças das quais ele não se esquece: uma delas é o primeiro contato com a escola e as letras. Era uma sala grande, que ao menino pareceu enorme, como também enormes eram o pátio e as árvores carregadas de pitombas. As crianças, muitas, soletravam “beabá bá”, num ritmo inconfundível. O professor, “um velho de barbas longas”, dominava uma negra mesa. Esta imagem retornará: na vila Buíque, a escola pública é regida também por um sujeito semelhante ao mestre rural visto anos atrás. “Essa aparência me deu a convicção de que todos os professores machos eram cabeludos e silenciosos.”¹⁷⁴

Não tão silencioso era o pai. Violento, arrogante, explosivo, injusto, submetia o menino à sua vontade, infligindo-o constantemente maus-tratos: bolos, chicotadas, cocorotes, puxões de orelha. Assim também fazia a mãe, cuja marca era a falta de sorriso – “maltratava-se maltratando-nos”.¹⁷⁵ É a mãe quem nomeia o filho de “bezerro-encourado” – bezerro órfão coberto com o couro da cria morta, que a vaca alimenta reconhecendo nele o cheiro do filho – e de “cabra-

¹⁷² RAMOS, Graciliano. *Infância*. Posfácio de Cláudio Leitão. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 109.

¹⁷³ Apesar de termos lido *São Bernardo*, era impossível deixar de lado *Infância*, uma obra carregada de imagens do professor. Também impossível não incluir *São Bernardo*: como esquecer Madalena?

¹⁷⁴ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Posfácio de Cláudio Leitão. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 53.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 26.

cega”, já que o menino sofria de doença nos olhos. A relação filho/pais é de submissão: “em geral não indagavam se qualquer coisa era do meu agrado: havia obrigação e tinha de submeter-me.”¹⁷⁶ O bezerro-encourado se faz metáfora da submissão à norma.

Vera Oliveira, em sua tese *O Bezerro-Encourado*, diz que “a norma é o casaco que deve ser vestido para garantir ao seu usuário a certeza tranqüilizadora de estar isento de qualquer infração, de qualquer culpa e, conseqüentemente, imune ao castigo, à destruição”.¹⁷⁷

É o pai, rígido, autoritário, castrador, que um dia decide ensinar o menino a ler a fim de torná-lo “um sujeito sabido”, afinal, as pessoas que sabiam escrever dispunham de “armas terríveis”.¹⁷⁸ O menino, a princípio indiferente, aceita, na esperança de que as letras o livrassem dos pequenos deveres e castigos. A escrita surge assim não como prazer, mas como bem de troca. O resultado foi um desastre. “Cedo revelou impaciência e assustou-me.”¹⁷⁹ As aulas eram verdadeiras sessões de tortura, às quais não faltava o côvado, com o qual o pai transformava o aprendizado em suplício:

As três manchas verticais, úmidas de lágrimas, estiveram-se junto à mão doída, as letras renitentes iriam afligir-me dia e noite, sempre. As réstias que passeavam no tijolo e subiam a parede marcavam a aproximação do suplício. Dentro de algumas horas, de alguns minutos, a cena terrível se reproduziria: berros, cólera imensa a envolver-me, aniquilar-me, destruir os últimos vestígios de consciência, e o pedaço de madeira a martelar a carne machucada.¹⁸⁰

Desistindo de ensinar ao filho as primeiras letras, convencido de que este não tinha condições de aprendê-las, o pai resolve colocar o menino na escola. Para o menino, a decisão era de uma absoluta injustiça: se a escola era lugar de crianças rebeldes, o que faria ele lá – ele, um menino encolhido e morno, que deslizava como sombra? Um menino passivo, silencioso, que nem perguntas aos adultos fazia? “A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o

¹⁷⁶ Ibid., p. 110.

¹⁷⁷ OLIVEIRA, Vera Maria de Matos Ferreira Leão de Alencar. *O Bezerro-encourado ou as terríveis armas – uma análise de Infância de Graciliano Ramos*. Tese de Mestrado. PUC RJ, 1978, p. 57.

¹⁷⁸ RAMOS, op. cit., p. 109.

¹⁷⁹ Ibid., p. 111.

¹⁸⁰ Ibid., p. 113-114.

inferno.”¹⁸¹ Com a roupa nova de fustão branco, ele é levado à escola, tal qual “rês infeliz antevendo o matadouro”.

Mas lá, surpreende-se: não o espera o professor barbado e severo. À rua da Palha, espera-o uma senhora baixinha, gordinha, de cabelos brancos, cuja voz sussurrava docemente. D. Maria é a primeira professora do menino, uma mulher calma, de voz mansa, cuja serenidade vem de encontro ao comportamento familiar ao menino (impaciência, desprezo e brutalidade) e à imagem que o menino tinha do mestre.

Aquela brandura, a voz mansa, a consertar-me as barbaridades, a mão curta, a virar a folha, apontar a linha, o vestido claro e limpo, tudo me seduzia. Além disso a extraordinária criatura tinha um cheiro agradável.¹⁸²

D. Maria jamais se irritava (ao contrário do pai e da mãe), tinha uma paciência infinita, expressava suas dúvidas e admitia a cooperação dos alunos, dispensando o instrumento típico da repressão, a palmatória.

Quando se aperreava, erguia o dedinho, uma nota desafinava na voz carinhosa – e nós nos alarmávamos. As manifestações de desagrado eram raras e breves. A excelente criatura logo se fatigava da severidade, restabelecia a camaradagem, rascunhava palavras e algarismos, que reproduzíamos.¹⁸³

A professora assume, assim, o contraponto do autoritarismo familiar, é ela quem vai ocupar o espaço da mãe zelosa, tanto que manda o menino, primeiro, limpar as orelhas, depois, deixar as orelhas em paz. A professora observa, cuida, acompanha. Ajuda. É a mãe pacífica e resignada, que protege todos, que aconchega.

D. Maria não era triste nem alegre, não lisonjeava nem magoava o próximo. Nunca se ria, mas da boca entreaberta, dos olhos doces, um sorriso permanente se derramava, rejuvenescia a cara redonda. Os acontecimentos surgiam-lhe numa claridade tênue, que alterava, purificava as desgraças. E se notícias de violência ou paixão toldavam essa luz, assustava-se, apertava as mãos, uma nuvem cobria-lhe o sorriso. [...] D. Maria não tinha sede de justiça, não tinha nenhuma espécie de sede, mas era bem aventurada: a sua alma simples desejava pouco e se avizinhava do reino de Deus. Não irradiava demasiado calor. Também não esfriava. Justificava a comparação de certo pregador desajeitado: “Nossa Senhora é como uma perua que abre as asas quando chove, acolhe os peruzinhos.” De

¹⁸¹ Ibid., p. 118.

¹⁸² Ibid., p. 122.

¹⁸³ Ibid., p. 124.

Nossa Senhora conhecíamos, em litografias, o vestido azul, o êxtase, a auréola. D. Maria representava para nós essa grande ave maternal – e, ninhada heterogênea, perdíamos, na tepidez e no aconchego, os diferentes instintos de bichos nascidos de ovos diferentes.¹⁸⁴

D. Maria vai ter uma importância fundamental: com ela, o menino desvenda as letras e avança na leitura. A professora faz o que até então ninguém tinha feito: ouve o menino, e ao ouvi-lo, ele ganha ligeira confiança: “Assim amparado, elevei-me um pouco.”¹⁸⁵

Enquanto a narrativa da mãe se mantém fora do alcance, a reelaboração da história do Barão de Macaúbas feita pela professora, no código infantil, decifra o que para ele parecia indecifrável: “D. Maria resumiu essa literatura, explicou-a. E o meu desalento aumentou. Julguei que ela fantasiava; impossível enxergar a narrativa simples nas palavras desarrumadas e compridas.”¹⁸⁶ D. Maria coloca, então, o mundo disponível para o menino. Ela decifra o enigma, traduz a vida na linguagem da criança.

Dona Maria manifesta sua ascendência não só no plano intelectual mas também no afetivo, e isto marca a diferença entre a mestra e a mãe.¹⁸⁷ A relação entre o menino e a mestre é inversa à relação mãe/bezerro-encourado. A mãe pune o filho se ele a contradiz; a generosidade de D. Maria não impõe limites. A idéia da mãe, que protege incondicionalmente o filho do sofrimento, o menino encontra na professora: o lugar do prazer não é o lar materno, mas junto àquela que “encerrava uma alma infantil.”

A segunda professora que o menino conhece, em Alagoas, é outra Maria, mas diferente da primeira. É Maria do Ó, “mulata fosca, robusta em demasia, uma das criaturas mais vigorosas que já vi. Esse vigor se manifestava em repelões, em berros, aos setenta ou oitenta alunos arrumados por todos os cantos”.¹⁸⁸ Maria do Ó não é como a professora sertaneja, do interior de Pernambuco: é bruta, castiga as crianças, usa a palmatória. É descrita como um diabo, com dois comportamentos: na sala, estúpida, nos olhos raivosos estrias amarelas; fora da sala, fingia-se humanizar, “os bugalhos amarelentos se ocultavam sob as

¹⁸⁴ Ibid., p. 127.

¹⁸⁵ Ibid., p. 127.

¹⁸⁶ Ibid., p. 131.

¹⁸⁷ OLIVEIRA, op. cit.

¹⁸⁸ RAMOS, op. cit., p. 180.

pálpebras roxas.”¹⁸⁹ O menino acompanhava à distância a ira da professora, revoltando-se com a discriminação que ela fazia contra sua prima Adelaide. No entanto, não reagia: era apenas um observador; sozinho, continuava arisco aos livros e à leitura, “só abrindo os volumes sujos à hora da lição”.¹⁹⁰

Depois, nova mudança de casa e de escola. “Tiraram-me da escola da mestiça, puseram-me na de um mestiço”, conta o narrador. O novo professor é descrito como um tipo mesquinho, de voz fina, modos ambíguos, extremamente vaidoso, que vivia a procurar a beleza no corpo mofino. O professor olhava-se no espelho, completamente desinteressado dos alunos: ensinar era um fardo. “Em seguida, ronceiro, como se levantasse grande peso, tomava as nossas escritas, corria por elas a vista baça e distante, julgava-as atirando-lhes números convencionais. Com um gesto lânguido, chamava-nos à lição, que decorria sonolenta e morna.”¹⁹¹ Na leitura, o menino aproveitava-se do desinteresse do professor e lia pulando períodos e páginas. “O professor andava no mundo da lua, as pálpebras meio cerradas, mexendo-se devagar na cadeira, como sonâmbulo.”¹⁹² Alheio ao que se passava na sala, o mestre era capaz de voltar-se contra a turma, sem qualquer razão: “parecia mordido de pulgas”.¹⁹³

Os olhos ensagüentavam-se, os dentes rangiam. E consertava-nos furiosamente a pronúncia, obediente a vírgulas e pontos, forçava-nos a repetir uma frase dez vezes, punha notas baixas nas escritas, rasgando o papel, farejava as contas até que o erro surgia e se publicava com estridência arrepiada. Nesse policiamento súbito acuávamos – e as folhas virgens endureciam.¹⁹⁴

Para o menino, o professor era até capaz de fazer discursos brilhantes e crescer. Mas, “o infeliz não pretendia ser homem.”¹⁹⁵ Restava às crianças esperar que o professor enxergasse no vidro uma novidade, deixando-as em paz, podendo o menino entreter-se com os cenários dos livros ou da vida que corria lá fora.

Três escolas ainda não completam as memórias. O menino é levado para a quarta escola. A professora é descrita como a professora que tinha mãe e filha. “A mãe, caduca, fazia renda, batendo os bilros, com a almofada entre as pernas. A

¹⁸⁹ Ibid., p. 182.

¹⁹⁰ Ibid., p. 181.

¹⁹¹ Ibid., p. 195.

¹⁹² Ibid., p. 195.

¹⁹³ Ibid., p. 196.

¹⁹⁴ Ibid., p. 196.

¹⁹⁵ Ibid., p. 196.

filha, mulata sarará enjoada e enxerida, nos ensinava as lições, mas ensinava de tal forma que percebemos nela tanta ignorância como em nós.”¹⁹⁶ Ou seja, a professora está entre a mãe louca e a filha ignorante.

A escola eram “cinco horas de suplício, uma crucificação” O narrador adulto confirma: “não há prisão pior que uma escola primária do interior.”¹⁹⁷ Aos nove anos, ele se achava quase analfabeto, mas a leitura começa a encantá-lo, sobretudo porque a linguagem apresenta-se como a única via de apropriação de poder pela criança. Conforme Vera Oliveira, “a linguagem é o campo escolhido pelo menino de *Infância* para duelar com o adulto, para impor a sua realidade individual ao real coletivo”.¹⁹⁸

O menino tinha a professora d.Agnelina, cujo talento era contar histórias. “Visitava-nos, prendia-nos com lendas e romances, que estirava e coloria admiravelmente. Nada me ensinou, mas transmitiu-me afeição às mentiras impressas.”¹⁹⁹ Depois de d.Agnelina, foi a vez do professor Rijo, “o homem aparecia de salto, tomava as nossas lições rapidamente, encoivarava algumas perguntas e dava logo as respostas, sem esperar que acertássemos ou errássemos.”²⁰⁰ Foi o professor Rijo que ensinou que Samuel Smiles se pronunciava Smailes, o que para o menino foi de uma importância enorme, pois o conhecimento lhe deu uma sensação de superioridade nunca sentida antes.

E assim o menino começa a ler: jornais, almanaques, anedotas das folhinhas, romances. O tabelião Jerônimo Barreto franqueia sua coleção, e o menino parte para o mundo de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Júlio Verne, Ponsol du Terrail, “em folhetos devorados na escola, debaixo das laranjeiras do quintal, nas pedras do Paraíba, em cima do caixão de velas, junto ao dicionário que tinha bandeiras e figuras.”²⁰¹

Através dos livros, vai conhecendo o mundo e se diferenciando dos colegas, presos às informações dadas em aula. Jovino Xavier é o diretor do seu novo colégio, testemunha de que ora o menino parecia um ignorante, ora mostrava um conhecimento além do normal da sua idade, obtido através dos livros.

¹⁹⁶ Ibid., p. 205.

¹⁹⁷ Ibid., p. 206.

¹⁹⁸ OLIVEIRA, op. cit., p. 49.

¹⁹⁹ RAMOS, op. cit., p. 212

²⁰⁰ Ibid., p. 212.

²⁰¹ Ibid., p. 232.

Esse conhecimento lhe permite ver como a escola era discriminatória. O diretor isolava um dos meninos – “a criança infeliz”, um aluno particularmente desgraçado, numa ponta de banco, transformando-o em bico de circo, xingando-o, por vezes surrando-o. Nesse espaço da injustiça e da violência, a palmatória era comum:

A palmatória figurava em nosso código. Nas sabatinas, questões difíceis percorriam as filas – e o aluno que as adivinhava punia os ignorantes. Os amigos da justiça batiam com vigor, dispostos a quebrar munhecas; outros, como eu, surdos ao conselho do mestre, encostavam de leve o instrumento às palmas.²⁰²

É nesta escola que o já adolescente conhece Mário Venâncio, professor de geografia – “não era a especialidade dele: ajustou-se à matéria como se ajustaria a qualquer outra”²⁰³, mas que no fundo era um literato. Mário vai ter uma influência decisiva sobre o menino/adolescente: traz idéias do início do século, apresenta-lhe os romances de Zola e Victor Hugo e anuncia sua vocação de escritor. “Acanhando, as orelhas ardendo, repeli o vaticínio: os meus exercícios eram composições tolas, não prestavam. Sem dúvida, afirmava o adivinho. Ainda não prestavam. Mas eu faria romances.”²⁰⁴

Mário vai contrapor-se, até por ser um literato, à imagem do professor recorrente no texto da memória. Quase todos os professores do menino de *Infância* são descritos como figuras ignorantes e repressoras (“Graças a eles, complicações eruditas enfraqueceram, traduziram-se em calão”.)²⁰⁵ Outra exceção fica por conta de D. Maria, “a alma infantil”. Por sua vez, a escola é prisão e crucificação, lugar de discriminação e injustiças. Dela, o menino só aproveitará o que serve à vida imaginária: “Descurei as obrigações da escola e os deveres que me impunham na loja. Algumas disciplinas, porém, me ajudavam a compreensão do romance e tolerei-as – bocejei e cochilei buscando penetrá-las.”²⁰⁶

É através do professor que o menino adquire a linguagem, “a arma terrível”, com a qual será possível duelar com o mundo adulto, já que desapropriado de forma física – nem boa visão o menino tem. A escrita é a arma que vai lhe permitir a vingança. E a leitura, lhe permite não ter de “papaguear de

²⁰² Ibid., p. 257.

²⁰³ Ibid., p. 246.

²⁰⁴ Ibid., p. 249.

²⁰⁵ Ibid., p. 123.

²⁰⁶ Ibid., p. 235.

oitiva”,²⁰⁷ como faziam os colegas, que guardavam maquinalmente façanhas históricas para brilhar nas sabatinas e logo se esqueciam de tudo. A escrita do menino/adolescente é diferente de todas, “incorrigível” diz até o diretor. É a literatura que cria a identidade, que o faz mudar hábitos e linguagem, que o faz até anular a mãe: “Minha mãe, Josino Xavier e os caixeiros evaporaram-se. A única pessoa real e próxima era Jerônimo Barreto, que me fornecia a provisão de sonhos, me falava na poeira e Ajácio, no trono de S. Luís, em Robespierre, em Marat.”²⁰⁸

Se o espaço da ficção é o espaço da liberdade, se a escrita é a “arma terrível” que possibilita a individualização, explicável a recorrência da figura do professor nas memórias. O professor é quem possibilita ao menino resistir. Afinal, dominar a linguagem supõe adquirir uma forma de poder, na medida em que saber ler não supõe apenas desvendamento, retirada da capa dissimuladora, mas, sobretudo, saber escrever um outro texto, usar a dissimulação.²⁰⁹ A linguagem vai conectar o menino ao mundo. Não é à toa que o livro começa com a lembrança da primeira escola e termina com a literatura. É “a arma terrível”, cuja posse lhe garante a própria identidade.

Correram semanas. Adoeci. A artrite amarrou-me à espreguiçadeira, o meu desgraçado corpo se cobriu de manchas. Capengando, abri a estante, exumei *O Cortiço*, desempacavirei-o, restituí-o à convivência dos outros romances. Não me inspirava curiosidade. E já não era objeto de aversão. História razoável, alguma safadeza para atrair leitores. Embrenhava-me agora em novelas russas. Entrevado, submerso na lona da cadeira, tentava erguer um braço doído, mexer os dedos, volver as páginas. A figura que me perseguia à noite serenou e fugiu. E a outra, nuvem colorida, evaporou-se.²¹⁰

3.7

**“Não me agradaria ser tomada por aventureira, sou séria.”
(ou “O professor em *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade”)**

Elza vai ser a governanta da casa construída por Mário de Andrade em *Amar, verbo intransitivo*, romance publicado em 1927. Elza vai ensinar alemão ao jovem Carlos e a suas irmãs. Mas sua função mais importante não será nem a casa

²⁰⁷ Ibid., p. 233.

²⁰⁸ Ibid., p. 235.

²⁰⁹ OLIVEIRA, op. cit., p. 16.

²¹⁰ RAMOS, op. cit., 267-268.

nem o ensino do alemão. Elza será Fraulein, aquela que vai ensinar o amor a Carlos. Para isso ela foi contratada. “Para o bem do menino”, para que ele não se misture a mulheres que não prestam, para que ele não se contamine, para que ele não se perturbe – “Você compreende... meu desejo é salvar o nosso filho... Por isso Fraulein prepara o rapaz. E evitamos quem sabe? Até um desastre!...”²¹¹

Fraulein tem, assim, uma missão importante: salvar Carlos do “desastre”. Nos ditados e nas lições, ela começa seus ensinamentos. A matéria é a língua – válida aqui nos dois sentidos; o corpo é o aprendizado. A professora é a prostituta, só que não a prostituta ignorante, aquela que vende seu corpo por necessidade. Fraulein lê, é sensível, aprecia as paisagens, é uma professora culta: “Não me agradaria ser tomada por aventureira, sou séria. [...] Tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão.”²¹² Ela não reduz sua missão à primeira noite: “Vim ensinar o amor como deve ser. [...] O amor sincero, elevado, cheio de senso prático, sem loucuras.”²¹³ Fraulein acha que o mundo, invadido pela filosofia se perdeu: e ela quer ensinar Carlos a “criar um lar sagrado”.

Aí temos uma das chaves: se Fraulein não fosse professora, se Fraulein não conhecesse os filósofos, não dominasse a língua, não fosse erudita, poderia ela ensinar Carlos a “criar um lar sagrado”? É o *status* de professora que permite a governanta inserir-se naquela casa com autoridade, tanto que a própria dona de casa acha que é melhor Fraulein ficar. Fraulein não é uma prostituta, é a professora-prostituta. Os ensinamentos eróticos ganham um outro tom, a profissão “mais antiga do mundo” transforma-se em nobre.

Fraulein tem uma dupla missão: ensinar a língua e ensinar o amor. Uma tarefa se confunde com a outra, uma legítima a outra. “Foi isso que vim ensinar a seu filho e não: me entregar!” Fraulein também não foi ensinar a fazer sexo, foi ensinar o amor nobre.

A confusão de Dona Laura, mãe de Carlos, é, neste sentido, totalmente justificada.

É certo que Fraulein tinha esclarecido muito o que viera fazer na casa deles, porém Dona Laura que tinha percebido tudo com a explicação de Felisberto,

²¹¹ ANDRADE, Mário. *Amar, verbo intransitivo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981, p. 45.

²¹² *Ibid.*, p. 7.

²¹³ *Ibid.*, p. 58.

agora não compreendia mais nada. Afinal: o que era mesmo que Fraulein estava fazendo na casa dela!²¹⁴

Para Fraulein, não havia dúvidas. Sua missão era ensinar o que é essencial na vida: amar. “O trabalho e a profissão de Fraulein eram bem nobres, a moça tinha certeza disso”. Afinal, era uma professora.

3.8

“Ele era o homem de minha vida.”

(ou “O Professor em *Os desastres de Sofia*, de Clarice Lispector”)

“Bem devagar vi que o professor era muito grande e muito feio, e que ele era o homem de minha vida” – assim Clarice Lispector define o professor no conto *Os desastres de Sofia*, integrante do livro *Felicidade Clandestina*, publicado em 1971.

O professor era gordo, grande e tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. O professor era um homem silencioso, um homem austero, um homem que nunca sorria. Não se sabia muito sobre ele, só que abandonara a antiga profissão e “passara pesadamente a ensinar no curso primário”, com “controlada impaciência”.²¹⁵

O professor não tem nome, talvez até porque não precise do nome – afinal, ele já está definido, é “o professor”.

A aluna é a menina de 9 anos, atraída pelo silêncio e pelo autocontrole do professor. Um professor que quase não a olha, que a coloca na última fila da sala, que manifesta raiva diante de sua atitude desafiadora, ostensiva. Um professor que representa nesse momento para a menina o que ela não é, o futuro que não chegou, a salvação da sua imagem impura:

[...] eu havia depositado a esperança de redenção nos adultos. A necessidade de acreditar na minha bondade futura fazia com que eu venerasse os grandes, que eu fizera à minha imagem, mas a uma imagem de mim enfim purificada pela penitência do crescimento, enfim liberta da alma suja de menina.²¹⁶

²¹⁴ Ibid., p. 48.

²¹⁵ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 98.

²¹⁶ Ibid., p. 113.

A narradora não tem compaixão: julga-se uma criança malvada, “odiosa”: “com uma sabedoria com que os ruins já nascem”,²¹⁷ talvez aí uma referência até aos que já trazem no próprio nome (Sofia) a marca do conhecimento. O seu sentimento de *gauche* é confirmado pela frase da empregada: “Essa não é flor que se cheire” e pela sua própria auto-imagem: “tinha pernas compridas, sapatos sempre cambaios, humilhada por não ser uma flor, torturada por uma infância enorme que parecia nunca chegar a um fim”²¹⁸.

Esta menina, que julgava que “ter nascido era cheio de erros a corrigir”, era seduzida por aquele homem grande, silencioso, estranho, tão descompassado quanto ela mesma, e que a fazia devanear por um abismal minuto todas as noites antes de dormir. Em resposta aos negros sonhos de amor que à noite ele provocava, a menina passa o dia a instigar o mestre, a exasperá-lo, transformando a relação com o professor num jogo de amor e ódio.

Cada dia renovava-se a mesquinha luta que encetara pela salvação daquele homem. Eu queria o seu bem, e em resposta ele me odiava. Contundida, eu me tornara o seu demônio e tormento, símbolo do inferno que devia ser para ele ensinar aquela turma risonha de desinteressados. Tornara-se um prazer já terrível o de não deixá-lo em paz. O jogo, como sempre, me fascinava.²¹⁹

O confronto faz-se irresistível. Ela era o símbolo do inferno da turma risonha de desinteressados. Pronta para seduzir o professor com tanto ardor como “uma freira na cela”, nem da sua ingenuidade e perversidade ela podia gabar-se: “na classe todos nós éramos igualmente monstruosos e suaves, ávida matéria de Deus.”²²⁰

Ela era a prostituta e ele o santo, cada um num lado, e ela precisava levá-lo para o lado dela, porque sabia que ele poderia levá-la para caminhos que ela não conhecia, e que, por isso, não queria percorrer. “Seria para as escuridões da ignorância que eu seduzia o professor?” – pergunta-se a narradora.

O professor tinha a vida que um dia ela talvez chegasse a ter; ele já devia conhecer o amor que a desequilibrava, e por isso, ao mesmo tempo em que ele a encantava, a enlouquecia: “De noite, antes de dormir, ele me irritava.”²²¹ Ele tinha

²¹⁷ Ibid., p. 99.

²¹⁸ Ibid., p. 101.

²¹⁹ Ibid., p. 99.

²²⁰ Ibid., p. 101.

²²¹ Ibid., p. 99.

uma identidade, enquanto ela não sabia nem quem era. O professor era – o quer que fosse, ele já era; ela era apenas um vir a ser.

Só muito depois, tendo finalmente me organizado em corpo e sentindo-me fundamentalmente mais garantida, pude me aventurar e estudar um pouco; antes, porém, eu não podia me arriscar a aprender, não queria me disturbar – tomava intuitivo cuidado com o que eu era, já que eu não sabia o que era, e com vaidade cultivava a integridade da ignorância.²²²

Este é o primeiro movimento do texto: Clarice nos fala de uma menina que se sente seduzida por um homem que nunca sorri, que quase não fala, que é o professor, portanto, é aquele que sabe, que conhece, que entende o que para ela é mistério. Uma menina que se sente feia, ferida, desastrada e como resposta àquele encantamento que um homem lhe gera (“de manhã, diante do homem grande com seu paletó curto, em choque eu era jogada na vergonha, na perplexidade e na assustadora esperança”)²²³, assume uma atitude de provocação, transformando-se em objeto de ódio. Ela é o demônio; ele, o deus – “o rei da Criação”.

Não há nenhuma pretensão de usar a aula para aprender. Sofia era tomada pelo desafio de tornar o rei da Criação infeliz. Afinal, ela se sentia ignorante, sem graça; e para ela, o professor devia vê-la tão negativamente como ela própria se via: “a menina odiosa”.

Quatro anos depois, Sofia é avisada da morte do mestre, o que a abala terrivelmente: a “compostura quebrada como a de uma boneca partida”.²²⁴ A narradora faz, então, um *flash-back*, indo ao “ponto de desenlace da história e começo de outras tantas”.

O professor pede aos alunos que escrevam “com suas próprias palavras” a história de um homem que, após buscar um tesouro em terras estrangeiras, consegue ficar rico no próprio quintal, através de seu trabalho.

Sofia ouve a história sem prestar atenção, com “ar de desprezo, ostensivamente brincando com o lápis, como se quisesse deixar claro que suas histórias não me ludibriavam e que eu bem sabia quem ele era.”²²⁵ Ao mesmo tempo, o professor conta a história sem olhar para a menina, que responde a falta

²²² Ibid., p. 102.

²²³ Ibid., p. 99.

²²⁴ Ibid., p. 103

²²⁵ Ibid., p. 103-104.

de olhar com um olhar direto, como se ela soubesse o que ele não sabia, como se ela tivesse mais poder que ele, até porque é obrigada a compreendê-lo.

É que na falta de jeito de amá-lo e no gosto de persegui-lo, eu também o apossava com o olhar: a tudo o que ele dizia eu respondia com um simples olhar direto, do qual ninguém em sã consciência poderia me acusar. Era um olhar que eu tornava bem límpido e angélico, muito aberto, como o da candidez olhando o crime. E conseguia sempre o mesmo resultado: com perturbação ele evitava meus olhos, começando a gaguejar. O que me enchia de um poder que me amaldiçoava. E de piedade. O que por sua vez me irritava. Irritava-me que ele obrigasse uma porcaria de criança a compreender um homem.²²⁶

Sofia escreve rapidamente a composição: quer que o professor a veja como a mais rápida, a mais eficiente e esperta. E para desafiar ainda mais o mestre, inverte deliberadamente o final da história. O tesouro da menina não vinha do trabalho, mas do ócio:

Não consigo imaginar com que palavras de criança teria eu exposto um sentimento simples mas que se torna pensamento complicado. Suponho que arbitrariamente contrariando o sentido real da história, eu de algum modo já me prometera por escrito que o ócio, mais que o trabalho, me daria as grandes recompensas gratuitas, as únicas a que eu aspirava. Eu daria tudo o que era meu por nada, mas queria que tudo me fosse dado por nada. Ao contrário do trabalhador da história, na composição eu sacudia dos ombros todos os deveres e dela saía livre e pobre, e com um tesouro na mão.²²⁷

Do recreio, a menina resolve voltar à sala de aula para buscar um material. E aí Clarice escreve um parágrafo absolutamente sintético, de uma única frase, uma frase curta, que anuncia uma situação inédita: “Sozinho à cátedra: ele me olhava”. Podemos observar que a preferência por dois pontos é significativa: ele não estava sozinho e a olhava; ele a olhava porque estava só; ou, por estar só, ele podia olhá-la. E, então, a narradora repete a oração “ele me olhava” em três outros trechos, reforçando que aquele olhar era algo novo, algo nunca acontecido, algo que a paralisava. Ela agora era a presa: “Ele me olhava. O olhar era uma pata macia e pesada sobre mim. Mas se a pata era suave, tolhia-me toda como a de um gato que sem pressa prende o rabo do rato.”²²⁸

O olhar estremece Sofia, o rosto perde os contornos, ela sorri. O texto reitera que diante daquele olhar, surpreendente e inédito, capaz de “acordar o

²²⁶ Ibid., p. 104.

²²⁷ Ibid., p. 105.

²²⁸ Ibid., p. 106.

gigantesco mundo que dormia”, a única possibilidade que a menina tem é sorrir: “dividindo ao meio o meu sorriso”; “prendendo-me toda a meu sorriso”; “num pesadelo, do qual sorrir fazia parte”; “além de me concentrar no sorriso”; “e com um sorriso cada vez mais intenso”, “meu sorriso cristalizara a sala em silêncio”²²⁹ – vemos como o texto deixa claro que a única reação possível para a menina era o sorriso, o disfarce perfeito.

Como se não bastasse o olhar do professor, o professor chama Sofia pelo nome. O professor nomeia a menina, a menina que não é nomeada nem pela empregada, que diz “essa não é flor que se cheire”. A menina cujo nome só aparece no título do conto. Ouvir o professor dizer seu nome é estatelar-se: o coração bate forte, a boca seca, os pulsos, cerrados. “Ao som de meu nome a sala se desipnotizara.”²³⁰ E é aí que ela consegue ver o professor, inteiro, devagar, em toda a sua grandeza e sua feiúra. Ao vê-lo, um novo e grande medo. Mas o professor, alheio, já não a manda se calar, pelo contrário, ele lhe diz “chegue mais perto” – e Clarice ainda coloca reticências... Sofia se confunde, o que havia por trás daquela tristeza: fúria? O que queria o professor?

Ele, então, faz uma pergunta, ou seja, o professor se transforma no aluno que quer saber, no aluno que não sabe e que pergunta. Como ela teve aquela idéia? Quem lhe disse?

O mestre, marcado pelo silêncio, pergunta. O mestre, que não olhava, olha. E olha sem os óculos, típico símbolo de sabedoria, de maturidade, que também pode ser interpretado como um meio de proteção do olhar, uma máscara através da qual o mundo pode ser observado.²³¹ Pois, para a menina, ver os olhos do professor era ver o homem que estava por trás da máscara. Da mesma forma, sem óculos, aquele olhar penetraria muito mais longe e ele poderia ver o que até então estava escondido:

Para a minha súbita tortura, sem me desfitar, foi tirando lentamente os óculos. E olhou-me com olhos nus que tinham muitos cílios. Eu nunca tinha visto seus olhos que, com as inúmeras pestanas, pareciam duas baratas doces. Ele me

²²⁹ Todas as citações deste parágrafo estão nas páginas 106 e 107.

²³⁰ *Ibid.*, p. 107.

²³¹ Alberto Manguel mostra, em sua história da leitura, como os óculos se tornaram o emblema do leitor e ficaram associados ao intelectual, ao bibliotecário, ao erudito – talvez porque, com o surgimento da imprensa e a popularização da leitura, óculos melhores e em maior quantidade permitiram que mais leitores se tornassem leitores melhores e comprassem mais livros – e, com isso, a demanda por óculos aumentou e os óculos ficaram associados à preocupação intelectual, nunca perdendo a associação não mundana.

olhava. E eu não soube como existir na frente de um homem. Disfarcei olhando o teto, o chão, as paredes, e mantinha a mão ainda estendida porque não sabia como recolhê-la. Ele me olhava manso, curioso, com os olhos despenteados como se tivesse acordado.²³²

O olhar do professor, as suas palavras, as suas perguntas, desconcertam Sofia. É o inesperado, que a menina arrogante não consegue administrar. A quebra do padrão a desequilibra. O que será que ele quer dela? O que ele está querendo dizer com aquele olhar sem cólera? O que a fala dele significa? “Ele me constrangia. E seu olhar sem raiva passara a me importunar mais do que a brutalidade que eu temera.”²³³

O professor não só olha, não só pergunta, o professor sorri. A risada, portanto, se desloca. Não era mais a menina alegre e o professor taciturno. A alegria já não era de Sofia, o sorriso já não era de Sofia. Agora, pertenciam ao professor. Há, portanto, uma inversão de papéis: o homem agora é o menino, o menino tolo que acredita na mentira que outro lhe conta. O professor é o aprendiz; a aluna transforma-se na mestra. O morto-vivo passa a ser a própria vida e isso, com certeza, é insuportável para Sofia:

Era cedo demais para eu ver como nasce a vida. Vida nascendo era tão mais sangrento do que morrer. Morrer é ininterrupto. Mas ver matéria inerte lentamente tentar se erguer como um grande morto-vivo... Ver a esperança me aterrorizava, ver a vida me embrulhava o estômago.²³⁴

Além de chamar Sofia pelo nome, o professor elogia sua composição, sua idéia, e mais, a elogia, chamando-a carinhosamente de “uma menina muito engraçada”²³⁵, “uma doidinha”²³⁶. Neste reconhecimento, Sofia envergonha-se. A sua intenção era provocar, mas o professor fica totalmente seduzido e isso a surpreende. Como podia o homem que ela julgava tão poderoso deixar-se enganar por uma mentira, por uma criança? O professor era como ela, tão inocente quanto ela, tão iludido quanto ela, tão infantil quanto ela. Há então a convergência das duas figuras: se o professor é como a aluna, a aluna é como o professor. Um passa a ser o outro.

²³² Ibid., p. 108-109.

²³³ Ibid., p. 110.

²³⁴ Ibid., p. 111.

²³⁵ Ibid., p. 111.

²³⁶ Ibid., p. 112.

E tudo isso o professor agora destruía, e destruía meu amor por ele e por mim. Minha salvação seria impossível: aquele homem também era eu. Meu amargo ídolo que caíra ingenuamente nas artimanhas de uma criança confusa e sem candura, e que se deixara docilmente guiar pela minha diabólica inocência...²³⁷

Sem que a menina se desse conta, sua composição tinha provocado uma revolução no professor, que se revela desamparadamente feliz. E por sua vez é a transformação do professor que a faz perceber que, independentemente dela mesma, suas palavras eram capazes de atingir os outros e de transformá-los.

Mas se antes eu já havia descoberto em mim todo o ávido veneno com que se nasce e com que se rói a vida – só naquele instante de mel e flores descobri de que modo eu curava: quem me amasse, assim eu curaria quem sofresse de mim.²³⁸

A menina descobre o inevitável: o tesouro, como ela tinha dito, podia estar no quintal sujo... Quis ele dizer que o tesouro era ela? Ela, que não se sentia nem doidinha, nem engraçada, que se via muito mais como veneno do que como mel? E sem saber de onde lhe vinha o entendimento, ela percebe que aquilo que não prestava era o seu tesouro, “servia a Deus e aos homens”. Tesouro, que fez arrancar do coração do professor as flechas farpadas e o fez sorrir. E ao fazer isso, ele transforma a menina em mulher do rei da Criação. Menina que se faz mulher, não para o homem, mas através dele – ela não é a rainha da Criação, mas a mulher do rei da Criação.

É o professor, ao reconhecer o texto da menina e ao deslocar seu próprio papel para o de aprendiz, quem transforma Sofia, fazendo-a descobrir mais que o amor, fazendo-a descobrir, ainda que à sua revelia, o poder das palavras.

Para a menina, é uma desilusão: o professor, aquele que ela julgava tão sábio, é fisgado pela mentira, pela “diabólica inocência”²³⁹. Com isso, ao mesmo tempo em que se anula a fé no adulto sábio, nas certezas absolutas, a atitude do professor leva Sofia ao encontro da maturidade. O professor mostra para Sofia o outro lado: a vida como mel e veneno, cura e sofrimento, amor e ódio. Desses contrários, se faz a narrativa, como uma espiral que faz e desfaz.

²³⁷ Ibid., p. 114.

²³⁸ Ibid., p. 115.

²³⁹ Ibid., p. 114.

Uma história se fazendo de outras histórias, uma história puxando o fio da outra, ora Sofia arrancando as flechas farpadas do coração de outrem, ora outros arrancando do seu coração as farpas. O sujeito vira objeto que, por sua vez, vira sujeito: a menina impura que se dizia prostituta torna-se imaculada, “como uma virgem anunciada”²⁴⁰.

Clarice foge dos maniqueísmos, o que é absolutamente nítido no final do conto, quando ela recorre à clássica história de Chapeuzinho Vermelho, que de alguma forma fala dos perigos relacionados ao crescimento e à liberdade. Só que Clarice faz como Sofia: muda a história. Aqui, não há a figura da Chapeuzinho, logo, não há ao confronto entre a menina ingênuo e o lobo mau, no conto temos duas feras (o lobo e o lobo do homem) que se interrogam, alternando vida e morte – as longas unhas tanto servem “para arranhar de morte” como para “arrancar espinhos mortais”; a boca de fome tanto serve para “morder” como para “soprar”; as mãos “ardem” e “prendem”. Os lobos olham intimidados para as suas próprias garras, “antes de se aconchegarem uma à outra para amar e dormir”²⁴¹.

Para que te servem essas unhas longas? Para te arranhar de morte e para arrancar os teus espinhos mortais, responde o lobo do homem. Para que te serve essa cruel boca de fome? Para te morder e para soprar a fim de que eu não te doa mais, meu amor, já que tenho que te doer, eu sou o lobo inevitável pois a vida me foi dada. Para que te servem essas mãos que ardem e prendem? Para ficarmos de mãos dadas, pois preciso tanto, tanto, tanto – uivaram os lobos e olharam intimidados as próprias garras antes de se aconchegarem um no outro para amar e dormir.²⁴²

Os desastres de Sofia (uma menção ao famoso livro escrito por Condessa de Seguir, no século XIX) levam ao tesouro de Sofia. É o professor que vê tesouro nas travessuras de Sofia. Não é pouca coisa. Ou como diz Clarice, talvez seja só um detalhe “[...] esse foi somente um dos motivos. É que os outros fazem outras histórias.”²⁴³

²⁴⁰ Ibid., p. 116.

²⁴¹ Ibid., p. 116.

²⁴² Ibid., p. 116.

²⁴³ Ibid., p. 116.

3.9

“Uma professora inimaginável”**(ou “O professor em *Uma professora muito maluquinha*, de Ziraldo”)**

Era uma vez uma professora maluquinha. Voava como um super-homem, era charmosa como uma estrela de cinema, sensual como uma sereia, cantava e sorria o tempo todo, e o vento batia em seus cabelos... Para os meninos, era um verdadeiro símbolo sexual; para as meninas, uma fada madrinha. Era o profano e o sagrado, o pecado e o sublime, terra e céu: de um lado, a imagem mundana, da vedete de boca vermelha; de outro, a imagem sagrada, religiosa. Deixava os alunos fazerem barulho, muito barulho; incentivava a leitura de gibis, lia em voz alta para a turma (às vezes também lia silenciosamente em sua mesa), levava os alunos ao cinema, dançava pela sala... Uma professora fora do padrão, que trocava os deveres de casa por poemas. Uma professora muito maluquinha... que acreditava que saber ler e escrever era tão importante quanto respirar. Uma professora assim só podia ser “uma professora inimaginável”²⁴⁴.

O texto de *Uma professora muito maluquinha* (1995) de Ziraldo, é absolutamente cativante, assim como as ilustrações do mestre. Tão cativantes quanto a nossa professora maluquinha. O problema é – se é que podemos falar em problema na literatura –, que a professora era “maluquinha”... ou seja, fazer o que deveria ser feito por uma professora, incentivar a escrita e a leitura, sorrir, ser amiga dos alunos, tudo isso acaba sendo visto, através do adjetivo “maluquinha”, como loucura, desvio, tolice.²⁴⁵

A professora é “maluquinha”: ela transforma o aprendizado numa atividade lúdica. Aprender a língua é uma brincadeira: havia o dia da frase, o Jogo da Rima, o Jogo Caça-Palavras e muitos outros. “Era uma espécie de campeonato, onde, em vez de corrermos atrás da bola, nós corríamos atrás das palavras.”²⁴⁶ Com ela, não havia castigos. Os próprios alunos julgavam, num democrático júri, os comportamentos que pareciam errados. Não à toa os alunos da professora

²⁴⁴ ZIRALDO. *A professora maluquinha*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995, p. 11.

²⁴⁵ Conforme o mestre Aurélio Buarque de Hollanda: Maluco: 1. Diz-se de alienado mental; doido, louco, idiota. 2. Que age como se fosse doido, tonto, zozzo, gira. 3. Tolo. 4. Diz-se de indivíduo doidivanas, estouvado. 5. Extravagante, excêntrico, esquisito. 6. Absurdo, desarrazoado. [...]

²⁴⁶ ZIRALDO, op. cit., p. 31.

maluquinha eram capazes de perder o recreio para ficar na sala de aula. Ela só podia ser mesmo muito maluquinha...

A diretora aparece carrancuda, mal-humorada, reforçando a idéia da diretora rabugenta, fiscal. Nos dias em que a professora estava feliz e a turma vibrava, a diretora abria a porta da sala e gritava: “Vamos parar com essa felicidade aí!”²⁴⁷ O padreco, apesar de ter sido criado junto à professora, também era um adversário. Quando ele entrava na sala, os meninos escondiam as revistinhas. “Segundo o padreco, gíbi era pecado!”²⁴⁸ Para o padreco (ao contrário do Padre Velho), a professora era uma anarquista.

Através da professora maluquinha, a leitura não é uma obrigação, um compromisso em troca de algo. A professora escreve frases no quadro, atribuindo prêmios aos que as lessem. “E cada dia líamos com mais rapidez, pois descobrimos que ler era uma alegria.”²⁴⁹ Mas, mais do que prêmios, a professora estimulava a leitura com o exemplo: na Semana do Silêncio, ela abria um romance e lia. Enquanto isso, os meninos liam – inclusive as revistinhas que a própria professora trazia de casa. A professora também lia para a turma seus livros preferidos da Coleção Rosa. Ou seja, a professora era uma leitora, dos romances aos gibis. Também patrocinava as leituras em voz alta na sala de aula: cada aluno lia um capítulo do livro. E ainda inventou a Máquina de Ler...

Quando estava triste (havia dias em que ela ficava triste), ela suspirava pelos cantos, lendo seus livros de poesia ou escrevendo poemas no seu Caderno de Recordações.

A professora era tão maluquinha, que levou até os alunos ao cinema, ver Cleópatra, a Rainha do Nilo.... A partir do filme, ela deu diversas aulas sobre história. E falando de histórias, acabou motivando a turma a querer saber mais: Um dia, Ana perguntou à professora onde podia ler sobre o assunto. A curiosidade da menina iluminou a professora. “Era tudo o que eu queria ouvir... tudo o que eu queria ouvir!”²⁵⁰ suspirou a professora

A escrita também chega de forma prazerosa. Aqui, são as crianças que reescrevem os poemas de amor que o moço do Banco do Brasil mandava à professora. “Nós tínhamos que sentar no banco do jardim, para, em longos

²⁴⁷ Ibid., p. 75.

²⁴⁸ Ibid., p. 46

²⁴⁹ Ibid., p. 37.

²⁵⁰ Ibid., p. 67.

exercícios poéticos, melhorar a qualidade dos seus versos. No final do ano, ele já estava fazendo o maior sucesso com sua amada.”²⁵¹

A professora também cria Concurso de Poesia – apenas um dos inúmeros concursos que ela promovia, que iam desde poesia até a melhor mão para plantar, de forma que, ao final, todos os alunos fossem premiados. A professora valorizava a habilidade de cada aluno. “O último, parece, ganhou o primeiro lugar em cuspe à distância.”²⁵²

Não eram só os colegas que se espantavam com a professora maluquinha. Os pais, também. Foram à escola pedir que houvesse deveres e a professora disse que as crianças precisavam apenas ler e escrever. As mães se convenceram; os pais, não.

E no final do ano, ela informa à diretora que todos seus alunos passariam de ano: “A diretora achou que, agora, ela estava maluca de vez.”²⁵³ O conteúdo que os meninos aprendiam não era o que se costumava dar nas escolas. Ninguém sabia o dia do nascimento e morte de Duque de Caxias. Resultado: os alunos da professora são reprovados, a professora é demitida e entra em seu lugar “uma doce senhora de olhos severos e com a voz de quem comandava um pelotão”²⁵⁴ Ou seja, sai a doce, amiga, carinhosa, inteligente e participativa professora e entra a militar, severa, repressora – aquela que vai transformar os alunos numa coisa só, fazendo da turma um pelotão. O diálogo se transforma em imposição. A nova professora dá castigos já no primeiro dia: ao encontrar livros embaixo das carteiras obriga os alunos a fazerem trezentas mil cópias de uma frase em que prometem nunca mais se distrair...

A polarização é simples: de um lado, o professor comum, retrógrado e imbecil; de outro, a professora divertida, que valoriza a leitura e os alunos e é, portanto, maluquinha.

E então? Independentemente da qualidade do texto e das ilustrações, do humor e de várias questões “politicamente corretas”, como a importância da leitura e da criatividade, que por si só justificam o livro de Ziraldo ser um best-seller da literatura infanto-juvenil, o que queremos chamar aqui atenção é para o paradigma que o texto acaba colocando: ao tirar a professora da sala de aula,

²⁵¹ Ibid., p. 51.

²⁵² Ibid., p. 83.

²⁵³ Ibid., p. 93.

²⁵⁴ Ibid., p. 98

substituí-la por uma retrógrada, ao colocar a professora maluquinha dando aulas debaixo de um abacateiro – o espaço idealizado, único que permitiria à professora circular suas idéias em liberdade, fica uma “lição”: não há espaço em sala de aula para bons professores, não há sequer bons professores – esses são “maluquinhos”... Cabe a eles ir para casa e dar, na melhor das hipóteses, aulas particulares sob a sombra de um abacateiro... Na sala de aula, valorizada pela escola e pelos pais (aqui, também, diferentemente das mães, repressores – não entendem a proposta da professora, querem deveres, afinal, eles pagam...), fica a professora “burra, chata e velha”. Sem chances. Tanto que a nossa professorinha maluquinha acaba “fugindo” com o namorado, quer dizer, nem no amor ela se insere. Não há lugar para ela: nem na escola, nem na cidade. A professorinha parte sem dizer para onde foi.

Não é na ação, portanto, na presença, que ela vai exercer seus desejos – como professora e como mulher. Essa professora tem que ser eliminada: da sala de aula e da própria cidade. Da escola, ela, é expulsa; da cidade, sai “por conta própria”. Ela não pode viver sua liberdade. Talvez porque fosse “inimaginável”, não de carne e osso, não feita para a “vida real”. Assim como chega, parte; a professora foge, não há inserção possível.

Na sala de aula, ficam as professoras “normais”, as que não sabem de nada, as que mandam cópias no lugar de romances, as que não conversam, as que castigam... A professora “maluquinha” será para sempre um retrato na parede.